



**Universidade de  
Aveiro  
2017**

Departamento de Línguas e Culturas

**Na Gao**

**Um estudo comparativo de provérbios portugueses  
e chineses:  
O caso das metáforas zoomórficas**





**Universidade** Departamento de Línguas e Culturas  
**de Aveiro**  
**2017**

**Na Gao**

**Um estudo comparativo de provérbios portugueses e chineses: O caso das metáforas zoomórficas**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica das doutoras Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e Ran Mai, Leitora do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho primeiramente à minha mãe Zhuqing He, ao meu pai Sihai Gao, e à minha irmã Bin Gao, pela compreensão, atenção, apoio incondicional em todos momentos e por sempre me compreenderem e acreditarem na minha capacidade de crescimento.

Às minhas queridas Orientadoras, a doutora Rosa Lúcia Torres do Couto Coimbra e Silva e a doutora Ran Mai, que me deram os valiosos ensinamentos, as oportunidades oferecidas e a amizade, fundamentais na minha formação.

Aos meus amigos e colegas que me deram muita motivação e ajuda para a realização deste trabalho.

Minha sincera obrigada e admiração para sempre.

## **o júri**

presidente

Professor Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira, Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira, Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro (arguente)

Professora Doutora Rosa Lúcia Torres do Couto Coimbra e Silva, Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

## **agradecimentos**

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado uma realidade e aos quais estarei eternamente grata.

À doutora Rosa Lúcia Torres do Couto Coimbra e Silva, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pela sua orientação, pelas opiniões e críticas, total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas, especialmente os de língua portuguesa, que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho e por todas as palavras de incentivo.

À doutora Ran Mai, Leitora do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pela sua orientação, pelas opiniões e críticas ao estabelecimento da parte da língua chinesa e também as palavras de incentivo.

Aos meus amigos e colegas, Yufeng Li, Yawen Zhang, entre outros que não menciono o nome mas que sabem quem são, amigos que estiveram ao meu lado durante esta fase, pelo companheirismo, força e apoio em certos momentos difíceis.

Por último, dirijo um agradecimento especial aos meus pais, à minha irmã e aos familiares, pelos seus apoios incondicionais, incentivo, amizade e paciência demonstrados e total ajuda na superação dos obstáculos que ao longo desta caminhada foram surgindo.

**palavras-chave**

provérbios, estudo linguístico, metáforas zoomórficas, português, chinês

**resumo**

O presente estudo descreve, do ponto de vista linguístico e textual, provérbios portugueses e chineses com nomes de animais. Partimos do conceito de provérbio como um tipo de enunciado lexicalizado, pertencente à língua. Depois da introdução dos pressupostos teóricos, em que se apresentam algumas teorias sobre os provérbios nas duas culturas, faz-se uma apresentação geral dos provérbios portugueses e chineses (com nomes de animais), começando por identificar quais os animais mais populares e respetivos simbolismos nos provérbios das duas línguas. Procede-se a uma análise comparativa de provérbios portugueses e chineses com os nomes de animais mais comuns, analisando comparativamente provérbios das duas línguas.

**keywords**

proverbs, linguistic study, zoomorphic metaphors, Portuguese, Chinese

**abstract**

The present study describes, from a linguistic and textual point of view, Portuguese and Chinese proverbs with animal names. We start from the concept of proverb as a type of lexicalized utterance. After introducing the theoretical assumptions, and presenting some theories about the proverbs in the two cultures, a general presentation of the Portuguese and Chinese proverbs (with names of animals) is made, beginning by identifying which animals are most popular and which are their symbolisms in the proverbs of the two languages. We make a comparative analysis of Portuguese and Chinese proverbs with the most common animal names.



## Índice

Introdução .....	1
<b>Capítulo 1.</b> Pressupostos teóricos .....	5
1.1 Algumas definições de provérbio .....	5
1.2 Razões por que os nomes de animais surgem em grande parte dos provérbios .....	6
2.1. As características dos provérbios .....	8
2.2. As diferenças principais entre os provérbios portugueses e chineses .....	13
2.2.1. As formas gramaticais .....	13
2.2.2. Os temas .....	17
2.3. A questão da tradução entre os provérbios portugueses e chineses .....	22
2.4. Origens e desenvolvimento dos provérbios em Portugal e na China .....	27
2.4.1. Mitos e cultura popular .....	27
2.4.2. Processo de formação .....	31
2.4.3. Desenvolvimento .....	35
<b>Capítulo 2.</b> Apresentação geral dos provérbios portugueses e chineses (com nomes de animais) .....	38
2.1 Os animais mais populares nos provérbios portugueses e chineses .....	38
2.2 Os estereótipos principais da metáfora animal na língua portuguesa e chinesa .....	47
<b>Capítulo 3.</b> Análise comparativa dos provérbios portugueses e chineses .....	55
3.1. Mesmo simbolismo apresentado nos provérbios portugueses e chineses com os mesmos animais .....	56
3.2. Provérbios portugueses e chineses com os mesmos nomes de animais mas significados diferentes .....	58
3.3. Mesmo simbolismo apresentado nos provérbios portugueses e chineses com animais diferentes .....	59
3.4. Alguns provérbios com nomes animais populares em Portugal correspondentes a provérbios chineses sem nomes de animais .....	65
3.5. Algumas reflexões sobre os provérbios das duas línguas .....	67
Conclusão .....	70
Referências bibliográficas e webgrafia .....	75



## Introdução

Num primeiro momento, a escolha do texto proverbial em Portugal e na China como tema da nossa dissertação foi ditada por motivo do intercâmbio cultural cada vez mais profundo entre os dois países, ou melhor dizendo, entre os países lusófonos e a China. O estudo da língua portuguesa é muito popular hoje em dia na China. Neste caso, com o fim de aprofundar o estudo da língua portuguesa, e como sabemos que a língua é um instrumento de comunicação que foi formado ao longo de um desenvolvimento histórico e influência cultural, ao aprender uma língua, é importante conhecer bem a cultura que a enquadra. A partir dessa ideia geral, observamos que o provérbio é um género textual que concretiza de modo bastante evidente a união língua-cultura, sendo uma das suas formas linguísticas mais representativas e interessantes. Além disso, o tema dos animais suscita-nos particular interesse, pelo que escolhemos para tema e título do presente trabalho: *Um estudo comparativo de provérbios portugueses e chineses: O caso das metáforas zoomórficas*.

O estudo vai desenvolver-se baseado em dois aspetos, o linguístico e o cultural, pois o provérbio, como um tipo de enunciado lexicalizado, pertencente à língua, ao mesmo tempo reflete os conteúdos culturais dessa língua. Assim, na génese deste projeto, encaramos o desafio de compreender e explicar o facto de os provérbios, que são fragmentos de uma sabedoria tradicional estereotipada, continuarem ainda hoje a ser invocados nas mais diversas situações, revelando capacidades de adequação a contextos distintos. Ou seja, para se entender a especificidade deste género de texto, é necessário descrever as suas propriedades semânticas e o seu funcionamento pragmático. Essas duas vertentes configuram a arquitetura da nossa dissertação. Consideramos, então, que podemos aperfeiçoar o nosso conhecimento deste “instrumento” (a língua portuguesa) através do nosso estudo proverbial.

Mais concretamente, voltando aos motivos que presidiram à escolha do tema deste trabalho, abrangemos provérbios só com nomes de animais, porque os animais, vivendo ou não com os seres humanos, fazem parte do mundo e os seus instintos e movimentos inspiram a vida humana, e, por esta razão, os povos desenvolveram tantos provérbios com nomes de animais. E pela influência cultural do pensamento do povo dos dois países, os ani-

mais apresentam simbolismos diferentes em Portugal e na China; a emoção dos provérbios com nomes de animais revela-se nas devoções ao animal ou nas depreciações também.

Para estudar o objeto de análise desta dissertação, organizámo-la em três capítulos gerais: no capítulo 1, serão abordados os **Pressupostos teóricos**, que enformam o nosso trabalho. De momento, interessa-nos realçar que, antes da análise que nos propomos desenvolver, fazemos uma apresentação geral dos provérbios do ponto de vista linguístico, incluindo os conceitos de provérbio e as suas características. Como sabemos, os provérbios são considerados frases ou ditados curtos de origem popular, que geralmente resumem conceitos morais e normas sociais. Mas no sentido científico, as suas definições propostas pelos especialistas acabam por não o definir até hoje de uma forma precisa e unânime. Assim, tentámos encontrar uma definição o mais exata possível, definindo o provérbio baseando-nos nas várias opiniões de muitos especialistas e não de apenas um. Nesse mesmo capítulo teórico, dissertamos sobre as características linguísticas dos provérbios, que incluem aspetos fonológicos e aspetos sintáticos, e sobre as relações culturais e históricas manifestadas principalmente nos aspetos semânticos. Ao mesmo tempo, fazemos as comparações entre os provérbios portugueses e chineses, do ponto de vista formal e temático, pelas influências das duas culturas. Por se relacionarem com duas línguas, abordaremos um pouco a questão da tradição dos provérbios portugueses e chineses, e algumas regras que devemos observar quando refletimos sobre estes textos. O presente trabalho aflora ainda as origens e desenvolvimento dos provérbios em Portugal e na China, os mitos e cultura popular, os processos de formação e os seus desenvolvimentos.

No capítulo 2, vamos fazer uma **Apresentação geral dos provérbios portugueses e chineses (com nomes de animais)**, e optámos por abordar alguns animais mais populares nos provérbios portugueses e chineses e as suas materializações no simbolismo nos provérbios das duas línguas. Seleccionamos os cinco nomes de animais que surgem mais frequentemente, e que, do mais para o menos frequente são: burro/asno/jumento, cão/cadela, ovelha/carneiro/cordeiro, galinha/galo/pinto/frango, gato/gata, no caso dos portugueses; e no caso dos chineses, os cinco animais mais frequentes são o cavalo, cão/cadela, peixe, tigre e vaca por último. De seguida, passaremos a apresentar os animais mais frequentes nestas recolhas e as possíveis razões que terão levado a essa presença num género textual

tradicional como o texto parémico. Mais especificamente, ainda estudamos os estereótipos da metáfora animal nas duas línguas. E durante o processo, referimos algumas mitologias portuguesas e chinesas referentes aos animais dos provérbios.

E no capítulo 3, avançamos para a **Análise comparativa dos provérbios portugueses e chineses (com nomes de animais)**, escolhendo exemplos proverbiais representativos para analisar comparativamente os provérbios das duas línguas. Apresentamos uma comparação entre os simbolismos veiculados pelos animais mais escolhidos em cada caso. As possibilidades combinatórias destas comparações encontram-se resumidas assim: 3.1. Mesmo simbolismo apresentado nos provérbios portugueses e chineses com os mesmos animais; 3.2. Provérbios portugueses e chineses com os mesmos nomes de animais mas significados diferentes; 3.3. Mesmo simbolismo apresentado nos provérbios portugueses e chineses com animais diferentes; 3.4. Alguns provérbios com nomes animais populares em Portugal correspondentes a provérbios chineses sem nomes de animais. Nesta perspetiva, baseamos a nossa análise nos exemplos que encontramos.

Apresentado o objeto de estudo e os objetivos centrais do trabalho, importa agora esclarecer o modo como constituímos o *corpus*, e desenvolver algumas considerações sobre as funções que lhe atribuímos. Começámos por percorrer as mais importantes recolhas portuguesas de provérbios, adágios, rifões, anexins ou frases feitas da língua portuguesa e as recolhas semelhantes chinesas feitas em língua chinesa. Assim, e seguindo um critério de importância e autoridade no sentido científico, consultámos as coletâneas de Fernando Ribeiro de Mello (1988) *Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses* e de William Scarborough (1875) *A collection of chinese proverbs*.<sup>1</sup> Além disso, a pesquisa bibliográfica, também foi enriquecida com algumas pesquisas online, pelo que também foram consultadas coletâneas disponíveis em sites. Os dados em percentagens que apresentaremos no nosso estudo são contados a partir das duas coletâneas acima referidas. Contudo, na verdade, alguns provérbios só se usam em determinados lugares. Por isso, inquirimos os falantes das duas línguas para entender os sentidos reais nos provérbios, e durante o processo, obtivemos alguns mitos interessantes das culturas populares locais.

---

<sup>1</sup> Consultámos ainda outras coletâneas que, pelo facto de não serem tão completas quanto as que acabámos de mencionar, figuram na bibliografia, mas não constituíram objeto de análise.



## Capítulo 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 1.1 ALGUMAS DEFINIÇÕES DE PROVÉRPIO

“FC Porto 1 - Dínamo de Bucareste 0 - Pois é, grão a grão enche a galinha o papo, quarto jogo, quarta vitória, dez golos marcados e o primeiro troféu da temporada. Nada mau para o balanço de menos de um mês de trabalho”<sup>2</sup>. Como se interpreta este comentário que, com a ocorrência do provérbio *Grão a grão enche a galinha o papo*, reflete o objetivo principal da presente dissertação, os provérbios portugueses e chineses com nomes de animais?

Normalmente, os provérbios são considerados frases ou ditados curtos de origem popular, que resumem conceitos morais e normas sociais. Mas no sentido científico, as suas definições propostas pelos especialistas acabam por não os definir precisamente até hoje, quer dizer, ainda não existe uma definição concordante por parte de todas as pessoas. No campo da paremiologia, o conceito de provérbio não apresenta ainda uma definição unânime, adequada e abrangente.

Pelas definições dadas pelos especialistas, podemos verificar que eles tentam caracterizar o provérbio quase sempre apresentando traços em comum com outros fraseologismos, como manifesta o seguinte argumento de Vellasco (2000, p.11):

“No meu entender, a inviabilidade de chegar a uma definição geral de provérbio decorre do fato de que não se pode trazer todos os vários tipos desta forma concisa para uma só categoria: um provérbio não reúne todas as características atribuídas aos provérbios como um todo. Os provérbios devem ser encarados como uma classe geral, em analogia aos substantivos, por exemplo, com subclasses.” (Vellasco, 2000, p. 11)

Os fraseologismos referidos para caracterizar o provérbio são vários, uns distanciam-se de provérbio e outros aproximam-se entre si: “Uns possuem traços particularmente diferenciados de provérbio, como a chufa, o rifão, e o dictério que têm traços maliciosos, satíricos e vulgares respetivamente; outros possuem autoria conhecida como o aforismo, o

---

<sup>2</sup> In: <http://ultrasfcportomatosinhos.blogspot.pt/2009/07/grao-grao-enche-galinha-o-papo.html>

apoteagma, o axioma, a citação, o pensamento e a sentença.” De outro lado, existem ainda “a máxima e o brocardo, que têm cunho erudito”; o slogan que tem cunho publicitário; “outros, forma estereotipada como o clichê e a frase feita”; e o refrão, “que se caracterizam primordialmente pela rima. Entretanto, além de tudo lá em cima, temos ainda “alguns fraseologismos que são apenas subtilmente diferentes de provérbio como o adágio, o anexim, o dito, o preceito e o ditado”, e o ditado “difere-se especialmente por não apresentar metáfora” (Xatara & Succi, 2008. pp. 1-4). É difícil delimitar a diferença que existe entre provérbio e cada um dos termos, uma vez que eles sempre partilham algumas características comuns mas não são completamente iguais. Por isso, muitos especialistas definem o provérbio baseando-se em vários enunciados em vez de um só. Por exemplo, como afirma Ana Maria Vellasco sobre o aforismo,

“os aforismos distinguem-se dos provérbios, visto que são citações ou pensamentos de um autor, contrariamente aos provérbios que têm um carácter anónimo, à excepção dos provérbios bíblicos.” (Duarte, 2006. p. 32)

Entretanto, ainda não conseguimos distinguir todos os fraseologismos, tratando-se de um assunto pouco consensual. De facto, existe o fenómeno de que a mesma expressão é caracterizada como um clichê por um especialista sendo, ao mesmo tempo, também atestada como um provérbio; o mesmo acontece frequentemente com muitas expressões.

De qualquer maneira, como um dos fraseologismos mais conhecidos e consagrados, o provérbio é associado a um conceito relativamente abrangente:

“Provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.” (Xatara. & Succi, 2008. p. 1-4).

## 1.2 RAZÕES POR QUE OS NOMES DE ANIMAIS SURGEM EM GRANDE PARTE DOS PROVÉRBIOS

Como verificamos no provérbio do início, *Grão a grão enche a galinha o papo*, sabemos, que, quer nos provérbios portugueses, quer nos chineses, há muitos que incluem



nomes animais, pelo que os elementos zoomórficos têm uma importância fundamental neste género textual. Os animais, vivendo ou não com os seres humanos, fazem parte do mundo. Os seus instintos e movimentos inspiram a vida humana, espelhando-a socialmente e, por esta razão, os povos desenvolveram tantos provérbios com nomes animais. Todavia, por outro lado, os animais, como se sabe, são considerados inferiores aos seres humanos, “a classe dominante” (o povo) não poderá olhar com bons olhos um grupo em ascensão e por isso também lhe dedica vários provérbios, qual deles o mais violentamente odioso e depreciativo.

“Quase nunca (ou mesmo nunca) os animais são considerados na língua como bens em si e por si: a sua conceptualização e categorização obedecem a critérios exclusivamente baseados na satisfação das necessidades do homem, na conceptualização dos seus medos ou na antropomorfização das suas crenças.” (Vilela, 2003, p. 431)

Com o presente trabalho, procuraremos estudar os provérbios com nomes animais, no sentido de conhecer melhor e mais profundamente a língua e a cultura portuguesas. Mas, de qualquer maneira, não deixaremos de afirmar as funções e a alta importância dos animais na nossa vida quotidiana. Durante o processo da evolução humana, os seres humanos sempre se relacionaram com os animais, em interações que consistiram em caçá-los, nutri-los, acolhê-los como animais de estimação e até comê-los. Esta pluralidade de contactos inspirou os seres humanos a invenções de instrumentos superiores, melhorando gradualmente as habilidades de comunicação incluída a linguagem. Os animais ajudam-nos a compreender as outras pessoas e outros géneros, que também têm emoções, sentimentos e pensamentos, promovendo em nós as capacidades de empatia e compreensão.

De um ponto de vista académico, os animais constituem um dos elementos da natureza, e como se afirma,

“o domínio do homem sobre a chamada Natureza (os animais, as plantas, os fenómenos físico-naturais) mereceu sempre atenção aos fazedores e colecionadores de provérbios.” (Gomes, 1974, p. 22)

Aqui se oferece mais um argumento na defesa da ideia de que os elementos zoomórficos são importantes na área da paremiologia. Sujeitas a influências de diferentes culturas, as explicações sobre os animais são muitas, nomeadamente na Europa. Em Portugal, há uma explicação interessante, que respeita à religião, e pela qual os animais são interpretados como:

“Os animais: objectos agrícolas, objectos culinários (cf. secções de AGRICULTURA e CULINÁRIA) são evidentemente vítimas — não já no altar de Deus, como sucedia na religião judaica, santificadoras do homem que as comia — mas no altar da família, da propriedade, do individualismo e daquilo que isso significa adentro da vida social feudo-rural.” (Gomes, 1974. p. 22)

Todavia, no caso dos provérbios chineses, os animais revestem-se de uma muito maior ligação aos mitos chineses e aos elementos rurais na China, do que a ligação à religião no caso da Europa. Mais uma vez, refletem a importância da escolha deste tema de estudo, pois os nomes animais na expressão ou construção de uma dada língua admitem uma multiplicidade de usos no interior de uma dada comunidade linguística, ou seja, procuraremos estudar a língua portuguesa ao ponto de ter consciência dos sentidos dos nomes dos animais neste trabalho, diferenciando-os dos sentidos que apresentam em chinês.

## 2.1. AS CARACTERÍSTICAS DOS PROVÉRBIOS

Ao longo das histórias das comunidades humanas, inúmeros provérbios foram criados e são, hoje, parte integrante do seu património linguístico-cultural. Passam de geração em geração pela boca do povo por causa das suas características linguísticas, que incluem aspetos fonológicos e aspetos sintáticos, e das relações culturais e históricas manifestadas principalmente nos aspetos semânticos.

Normalmente, o seu carácter de enunciado curto e a sua sonoridade nos aspetos fonológicos permitem a sua fácil memorização, destacando-se a utilização de métrica, ritmo e rima e jogos sonoros como aliteraões e assonâncias. O exemplo “*A bom gato, bom rato*”, significando que se és bom tens um melhor resultado, mostra-nos as características referidas.

As características fonológicas revelam-se também particularmente em chinês, como todos sabem, em que o som das palavras e respectivas relações de paronímia ou homofonia são utilizados frequentemente. Ilustrando com um exemplo, a figura cabra (羊 yáng), a sua pronúncia em mandarim é *yáng*, que é partilhada por outro carácter “阳 yáng (sol)”; nesse caso, à figura da cabra é atribuído habitualmente um sentido de auspício resultante do significado do carácter do sol, por causa da paronímia.

Relacionado com o fenómeno fonético da paronímia, temos de desenvolver um pouco sobre o conceito da rima em chinês, que é um fator essencial que contribui para o provérbio ser considerado uma forma linguística de fácil memorização, como veremos no presente estudo, quer no caso dos provérbios chineses, quer no caso dos portugueses., sabemos que a rima, em chinês, é composta por Núcleo e Coda e é muito usada em alguns géneros literários específicos, sobretudo na poesia clássica, obviamente, mas também em alguns provérbios chineses. Tal como apresenta Mai (2012) na sua tese, a autora menciona os dois tipos da rima, afirmando que:

“A rima em Chinês ainda se distingue entre a Rima Estreita e a Rima Larga. A Rima Estreita exige que dois caracteres possuam exactamente os mesmos Núcleos e Codas. A Rima Larga pode dispensar as vogais “i [i]” ou “u [u]” quando estas aparecem na parte inicial de um núcleo constituído por pelo menos duas vogais” (Mai, 2012)

Contudo, ambas as rimas são exigidas em uma posição mais comum, que sendo externa, aparece no final do verso ou de frase: “Como todos os caracteres são monossilábicos, portanto, a rima recai no último carácter” (Mai, 2012).

O provérbio, sendo um enunciado autónomo, apresenta, no entanto, uma estrutura breve e concisa, o que caracteriza os seus aspetos sintáticos. Nesse caso, encontramos as alterações e inversões na ordem normal das palavras na frase, muitas vezes ao serviço da construção da rima ou para focalizar determinado elemento frásico. Por exemplo, no provérbio “*Pela boca morre o peixe*”, existe a inversão de que falamos para focalizar determinado elemento frásico, “boca”, pois este provérbio significa que é perigoso falar demasiado e é utilizado para aconselhar as pessoas a falar apenas para dizer coisas necessárias e pertinentes, em vez de falar demasiado porque, quando falamos demais, é mais fácil cometer erros. Ainda em relação aos aspetos sintáticos, também encontramos paralelismos, re-

petindo-se, na segunda parte do provérbio, a estrutura sintática encontrada na primeira parte. Nesse caso, temos o exemplo de “*Hiena a rilhar, gazela a imitar*”, usando a mesma estrutura sintática na primeira e segunda partes do provérbio. E em chinês, também se utilizam estas expressões paralelísticas.

CH: 子不嫌母丑，狗不嫌家贫。

PY: Zǐ bù xián mǔ chǒu, gǒu bù xián jiā pín.

PT: O filho não tem aversão à mãe feia, e o cão também não tem aversão a uma família pobre.

O exemplo é um provérbio popular da China. Os caracteres 子 <sup>zǐ</sup> (filho) e 狗 <sup>gǒu</sup> (cão) são os nomes da figura principal, ou seja, as partes substantivas do discurso; acontece o mesmo com os predicados, usa-se o mesmo verbo nas duas partes da frase; e no fim, *a mãe feia* 母丑 <sup>mǔchǒu</sup>) corresponde a *a família pobre* (家贫 <sup>jiāpín</sup>). Assim, toda a estrutura do provérbio revela simetria, ou melhor dizendo, as duas partes apresentam sintaticamente a mesma estrutura.

Na verdade, as características culturais e históricas constituem as maiores influências na evolução dos provérbios de geração em geração, ou seja, são principalmente os aspetos semânticos dos provérbios que decidem a sua transmissão. Relativamente aos aspetos semânticos, salientamos a presença de um sujeito indefinido e vago. Embora os nomes de animais constituam os sujeitos frásicos na área dos provérbios zoomórficos, esses provérbios apresentam uma expressão de referência variável, passível de ser aplicada a qualquer referente, conforme o contexto de utilização, geralmente, através de um processo de personificação, a um ser humano. É precisamente esta variabilidade referencial e carácter semântico atemporal que permitem a sua aplicação em qualquer situação de enunciação. Além disso, a conexão entre situações padronizadas com valores semânticos de causalidade, temporalidade, comparação e condição, entre outros (Lopes 1992), garante o rigor lógico dos provérbios como expressão de sabedoria popular.

De facto, neste último aspeto semântico, ainda colocamos mais um domínio que vale a pena discutir: a linguagem figurada. Os provérbios têm uma leitura metafórica, que constitui uma das suas características mais importantes. Como Black (apud Lin, 1997(1), pp. 11-18) indicou, uma das características mais importantes dos provérbios é: eles assumem

normalmente uma forma metafórica, tal como acontece com as fábulas e as adivinhas, por exemplo. Para Black, a metáfora não é apenas um dos modos retóricos na gramática tradicional. Ela representa um conceito importante no domínio da linguística cognitiva, conhecida como uma forma de pensamento. Ao mesmo tempo, para a maior parte das pessoas, a metáfora é vista como um processo retórico, utilizada nas obras literárias. Mas, na verdade, esta é uma visão simplista, uma vez que as metáforas estão presentes frequentemente na nossa linguagem cotidiana; por exemplo, temos “a perna da cadeira”, “os pés de galinha”, etc. em português; contudo, também existem as mesmas expressões em chinês, chamando-se, correspondentemente:

CH: 椅子腿

PY: yǐzi tuǐ

PT: pernas da cadeira

e

CH: 鱼尾纹

PY: yúweǐ wén

TL: rugas de modo do rabo dos peixes

PT: os pés de galinha

Talvez seja a sua utilização tão frequente pelo povo, que faz com que a maioria ignore a sua universalidade no processo de utilização da linguagem. Por outro lado, outro especialista importante nesta área Lakoff (1990), que estuda sistematicamente a metáfora, baseia-se na perspectiva da semântica cognitiva, indicando que a metáfora não é a fala nem a língua, mas uma concepção, sendo uma coisa que as pessoas comuns podem usar livremente e experientemente na vida cotidiana, referindo os pensamentos humanos. Com isso, Lakoff define a metáfora como sendo um modo de entender um domínio conceptual em termos de outro domínio conceptual, ou seja, o domínio A é o domínio B (Kovecses, 2002). Num estudo sobre este assunto, a questão é colocada nos seguintes termos:

“ Desde o surgimento da teoria conceptual da metáfora (Lakoff; Johnson, 1980) ela não é mais vista exclusivamente como ornamento retórico, mas, sim, como fenómeno cognitivo no qual se percebe um “mapeamento entre os domínios no sistema conceptual” (Lakoff, 1993, p. 203), sendo um

domínio alvo ('target domain') e um domínio fonte ('source domain'), formando ambos a base de um mapeamento metafórico.” (Schröder, 2010, p. 576)

Assim, sabemos que os domínios precitados A e B assumem respetivamente o domínio alvo e o domínio fonte. Ou seja, a metáfora é composta por duas partes. Os domínios A e B podem pertencer a diferentes graus “numa escala vertical na qual os seres ‘inferiores’ estão ‘debaixo’ dos seres ‘superiores’” (Coimbra & Pereira Bendiha, 2004, p. 219). Os mapeamentos metafóricos podem ser estabelecidos entre quaisquer degraus da escala dos seres. No presente estudo, as metáforas convencionais são, no domínio fonte, um animal e, no domínio alvo, o próprio ser humano, ou qualquer coisa conceptual, integrando o que Lakoff e Turner (1989: 166-181) designam por METÁFORA DA GRANDE CADEIA (THE GREAT CHAIN METAPHOR):

“Segundo o ponto de vista desta metáfora conceptual de largo alcance, o falante tem um certo senso da ordem das coisas, bem como um conhecimento razoável acerca de do lugar do Homem no universo (...) A forma básica da Grande Cadeia dos seres pode resumir-se na seguinte escala de “cima” para “baixo”:

- HUMANOS: atributos e comportamento de elevada ordem (ex.: pensamento, carácter);
- ANIMAIS: atributos e comportamento instintivos;
- PLANTAS: atributos e comportamento biológicos;
- OBJETOS COMPLEXOS: atributos estruturais e comportamento funcional;
- COISAS FÍSICAS NATURAIS: atributos e comportamento físicos naturais.”

(Coimbra & Pereira Bendiha, 2004, p. 219)

De facto, os mapeamentos metafóricos podem realizar-se entre quaisquer graus, num “sentido ascendente” ou um “sentido descendente”. As autoras (Coimbra & Pereira Bendiha, 2004, pp. 219-220) citam o exemplo das fábulas, que atribuem qualidades humanas a animais e fazem um mapeamento ascendente, num processo de personificação. Contudo, outro exemplo distinguível das fábulas, são os provérbios com nomes animais, “metaforicamente utilizados para referir os seres humanos”, num processo, não personificante (ANIMAL É HUMANO) atribuindo qualidades humanas a animais, mas sim animalizante (HUMANO É ANIMAL) referindo os seres humanos em termos de animais. Ou seja, ao passo que as fábulas operam um percurso ascendente ao personificar as personagens animais, os provér-

bios operam um percurso descendente ao animalizar os humanos. (Coimbra & Pereira Bendiha, 2004, p. 219).

Assim, evidentemente, ocupar-nos-emos da metáfora HUMANO É ANIMAL neste presente estudo. No entanto, dado que, dentro da diversidade da utilização dos provérbios, essa projecção metafórica aos humanos apresenta só uma pequena parte dos sentidos e funções dos provérbios com nomes de animais, deixaremos a análise dos outros casos para eventuais trabalhos seguintes.

## 2.2. AS DIFERENÇAS PRINCIPAIS ENTRE OS PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES

### 2.2.1. As formas gramaticais

Como todos sabem, a língua portuguesa e a língua chinesa são duas línguas completamente diferentes. A língua portuguesa é uma língua flexiva, pertencendo à família das línguas românicas, com origem no galego-português, e é utilizada como língua oficial em nove países, nomeadamente: Portugal, Timor-Leste, Brasil e os países africanos (Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe). Ao mesmo tempo, correspondentemente, a língua chinesa é “uma família linguística que pertence ao tronco linguístico sino-tibetano”, caracterizada pela sua tonalidade linguística e pelos caracteres chineses, como afirma Mai no seu estudo sobre o ensino de chinês: “a escrita chinesa é essencialmente pictográfica e ideográfica, ao longo da História, os chineses criam vários sistemas para indicar a pronúncia dos caracteres” (Mai, 2012). Compreendem dois aspetos, um centrado na forma e outro na ideia, questão importantíssima na utilização da língua chinesa, sendo que “a transcrição fonética” dos caracteres chineses para as línguas que usam o alfabeto latino” pode ser feita pelo sistema pinyin<sup>3</sup> hoje em dia. Nesse

---

<sup>3</sup> Ao conceito de pinyin, Mai (2012) deu-nos as seguintes reflexões: “Em 1958, o alfabeto fonético Hanyu Pinyin (汉语拼音) foi aprovado pelo governo chinês, com o objectivo de registar graficamente os sons da fala do Mandarim, utilizando letras latinas e os quatro sinais para indicar os tons. Literalmente, “Pinyin” significa soletração de sons e “Hanyu”, Língua dos Han. O Pinyin é uma transcrição larga do Mandarim, que representa apenas os traços distintivos deste sistema linguístico”. Contudo, por motivo dos diversos dialectos na China, existe tons distintos, aqui dentro, o

caso, não é difícil de encontrar algumas diferenças na área proverbial nas quais a língua portuguesa e chinesa divergem. E a seguir, vamos ver se existem diferenças quanto à sintaxe, ou melhor, aos aspetos estruturais. No que diz respeito ao português, temos o seguinte resumo:

“ No que diz respeito à sintaxe, Vellasco (2000, p. 9) acredita que a formulação proverbial é relativamente simples e geralmente costuma corresponder a alguns padrões:

- a) Tal X, tal Y: “ Tal pai, tal filho”, (apesar de não detectarmos outra construção proverbial similar);
- b) X–mais, X–mais: “ Quanto mais limpo o papel, pior a mancha”;
- c) antes X [de] que Y: “ Antes tarde do que nunca”.

Entretanto, é igualmente comum a presença de outros tipos de construções proverbiais (SN + SV), como se em ... “ O castigo vem a cavalo” (Xatara & Succi, 2008, p. 44-45).

Com efeito, como referido acima, geralmente, os provérbios portugueses compõem-se das referidas construções mas também é evidente que os tipos de construções proverbiais podem ser vários, em que não conseguimos especificar cada um deles. Mas no caso dos provérbios com os nomes animais, reconhecemos que os provérbios dessa dimensão sempre implicam uma espécie de causalidade e uma relação da continuidade, do ponto de vista dos elementos fraseológicos. Tal acontece porque, normalmente, esses provérbios têm a sua origem nas experiências reais da vida cotidiana, ou seja, esses provérbios partindo do mundo animal, interpretam alguns conceitos morais, do mundo dos humanos.

Em relação ao caso da língua chinesa, a formulação proverbial é mais multiforme e geralmente não costuma corresponder a padrões determinados, mas uma grande parte dos provérbios chineses são expressados, frequentemente, pela forma retórica 对偶 <sup>Dui'ou</sup> (estrutura simétrica), utilizada frequentemente nos poemas chineses. O termo *Dui'ou*, literalmente, par correspondente, designa uma forma que requer que as orações anterior e posterior sigam mesma estrutura gramatical, ou melhor dizendo, que é constituída por duas orações contendo o mesmo número de caracteres, e cujos elementos fraseológicos pares, apresentam uma sintaxe semelhante; Por exemplo:

---

Mandarim, a língua oficial, tem quatro tons e mais um átono, os quatro tons aparecem com sinais diferentes, sendo o primeiro tom “ˊ”, o segundo tom “ˊˊ”, o terceiro tom “ˇ” e o quarto tom “ˋ”.



CH: 牛不知角弯, 马不知脸长。

PY: Niú bù zhī jiǎo wān, mǎ bù zhī liǎn cháng.

PT: O boi não sabe que seu chifre é curvado; o cavalo não sabe que seu rosto é longo.

De acordo com Ho, “este provérbio lembra a importância do autoconhecimento: muito cuidado, antes de criticar os outros, devemos autoanalisar-nos para não dar vexame” (Ho, 2002).

Na verdade, muitas expressões idiomáticas designadas por 成语 <sup>chéngyǔ</sup> também podem ser usadas como provérbios em Chinês. As expressões idiomática em chinês geralmente são compostas por quatro caracteres. As principais diferenças entre *chengyu* e outros provérbios são: as *chengyu* têm suas origens na literatura clássica antiga, os seus significados transcendem o sentido literal, e é necessário conhecer o mito ou a história com o qual estão relacionadas; se não tem este conhecimento, os seus significados corretos podem ser facilmente mal interpretados ou não entendidos. Por exemplo:

CH: 沉鱼落雁

PY: chén yú luò yàn

PT: Vão ao fundo do rio os peixes e caem do céu os cisnes selvagens.

Diz-se que, na época das dinastias, havia duas raparigas muito bonitas chamadas Xi Shi (西施 <sup>Xī Shī</sup>) e Wang Zhaojun (王昭君 <sup>Wáng Zhāojūn</sup>). Quando Xi Shi olhava a sua imagem refletida no rio, os peixes ficaram tão deslumbrados até se esquecerem de nadar e foram ao fundo do rio. Cisnes selvagens paravam de voar e caíam do céu quando viam a beleza de Wang Zhaojun. Hoje em dia, esta expressão é utilizada para descrever e magnificar a beleza de uma pessoa; se não se sabe a história, não se pode deduzir o seu significado correto.

Com o decorrer do tempo, muitas *chengyu* ficaram mais conhecidas e começam a ser cada vez mais usadas no dia-a-dia das pessoas, por isso, podemos dizer estas já possuem a função de provérbios. Contudo, nem todas as *chengyu* podem ser consideradas provérbios.

Na dimensão dos provérbios com os nomes animais, os casos em chinês e em português são semelhantes, implicando, do mesmo modo, uma espécie de causalidade e relação de continuidade, ou seja, sublinhando uma ligação interior sentimental que ultrapassa o

nível da forma e estrutura, pois partem do mundo animal para chegar a uma função didática e pedagógica para os humanos.

De outro lado importantíssimo, como sabemos, o português e o chinês são duas línguas diferentes, e uma das maiores diferenças é a língua chinesa ser caracterizada pela ausência de conjugação verbal, quer dizer, a mesma forma do verbo é usada para tempos e pessoas gramaticais diferentes. Ainda podemos dizer mais concretamente, o chinês não tem tempos e modos verbais pois o verbo é uma palavra invariável. Pelo contrário, o português possui obviamente esse fenómeno gramatical. No que concerne ao caso dos provérbios portugueses, até os com os nomes animais, podemos ver que a maior parte dos provérbios encontra-se no presente do indicativo: “*Burro velho não aprende línguas*”, “*À noite, todos os gatos são pardos*”, refletindo o carácter de atemporalidade; ou no imperativo “*Fazei-vos mel, comer-vos-ão as moscas*”, “*Não ponhas todos os ovos debaixo da mesma galinha*” para anunciar uma verdade moral. Ao mesmo tempo, em número bem mais reduzido (Xatara, 2008, p. 45), aparecem outros tempos verbais: o pretérito perfeito, para demonstrar uma experiência acontecida e ainda válida “*A pensar morreu um burro*”, “*Quem foi mordido pela cobra tem medo até da minhoca*”; o pretérito imperfeito para exercer as funções semelhantes ao presente do indicativo e pretérito perfeito: “*Se a ferradura desse sorte, o burro não puxava carroça*”; o futuro do presente para demonstrar o que vai acontecer depois de alguns sinais e situações determinadas, ou melhor dizendo, “para indicar que algo acontecerá em decorrência de uma determinada atitude”, como: “*Alimenta o cão e ele guardará a casa, faz jejuar o gato e ele comerá os ratos*”, “*Cria o corvo, que ele te arrancará o olho*”; e mais raramente, o modo conjuntivo e o modo condicional, só damos um exemplo especial referente a eles: “*Se escorpião visse e a víbora ouvisse não haveria quem lhes resistisse*”, para demonstrar uma espécie de hipóteses ou esperanças.

Agora, debruçando-nos sobre o caso do chinês, verificamos que não é possível especificar estas nuances nos provérbios da língua chinesa através do mesmo recurso gramatical por causa do seu carácter sem “os tempos”. Por isso mesmo, os sentidos transmitidos pelo chinês são dependentes mais da utilização e escolha das palavras e dos significados delas, o que permite subentender o tempo. Vejamos o seguinte exemplo:

CH: 塞翁失马，焉知非福。

PY: Sàì wēng shī mǎ, yān zhī fēi fú.

PT: o velho da fronteira que perdeu o seu cavalo, como se sabe que a perda não é uma graça?

Conta a história que um velho perdeu um cavalo na zona fronteira com nómadas hostis. Enquanto todos o achavam um desgraçado, o velho, que sabia adivinhar o futuro, parecia calmo e dizia que a perda podia ser uma sorte. Depois de vários meses, o cavalo voltou, acompanhado por uma égua. Por isso, uma coisa aparentemente má pode ser na verdade uma coisa boa. Na China, quando acontece uma desgraça a alguém, usa-se o provérbio para o confortar.

Neste provérbio, a primeira ação indicada pelo verbo 失<sup>shī</sup> (perder) aconteceu no passado; o segundo verbo 知<sup>zhī</sup> (saber-se) refere-se à moral da história no presente. Nenhum dos verbos do provérbio varia em tempo, o qual é transmitido através do contexto frásico, subentendendo-se ‘os tempos’.

### 2.2.2. Os temas

De facto, quer nos provérbios portugueses, quer nos provérbios chineses, encontramos temas recorrentes, tais como o tempo, a agricultura, a natureza, os costumes, as filosofias e, como o que nós estudamos nesse presente trabalho, os animais. Mas devido à influência das culturas diferentes, existem algumas diferenças no que respeita aos temas proverbiais. Por exemplo, os provérbios de Portugal, e em geral da Europa, têm na sua origem uma reflexão sobre a Bíblia, no Livro de Provérbios, como dizem as explicações dadas sobre o tema e o propósito desses provérbios:

“ Provérbios de Salomão, filho de David, rei de Israel, destinados a dar a conhecer a sabedoria, a dar educação; e a ensinar também a compreender palavras cheias de profundo sentido; para que se tenha um entendimento esclarecido; e para que se seja justo, recto, íntegro na vida.”

e mais,

“Destinam-se ainda a formar e a enriquecer a mente das pessoas simples; a dar capacidade de compreensão aos jovens. E quanto aos que têm instrução, que aprofundem a sua sabedoria e se tornem hábeis na exploração do significado destas frases e pensamentos.”<sup>4</sup>

Por isso, podemos ver que os provérbios de Portugal contêm o tema original da cultura religiosa.

Todavia, em relação às culturas chinesas, em vez das reflexões religiosas de Portugal, ou melhor, da Europa, na China temos: o Confucionismo<sup>5</sup>, o Taoísmo<sup>6</sup>, o Budismo<sup>7</sup> e o Legalismo<sup>8</sup> os quais constituem as ideias e os pensamentos do povo chinês, ao mesmo tempo revelados nas falas da vida cotidiana, como nos provérbios chineses, que mais à frente referiremos.

Por outro lado, os acontecimentos históricos são refletidos no tema dos provérbios, como a influência dos Descobrimentos Marítimos de Portugal, nascendo a honra e o orgulho pelo mar, de que resulta a formação de provérbios com elementos marítimos. Integrando o tema deste estudo, chama-se a atenção sobre os provérbios com animais marítimos ou com respeito ao mar. Nesse sentido, encontramos muitos provérbios específicos de Portugal, como o provérbio “*Gaivota em terra tempestade no mar*”, que fala sobre quando os pescadores, antes de sair, olham para o céu, se veem gaivotas, não saem. E ainda há muitos provérbios com peixes e outros animais marinhos, um dos mais distintivos sendo o ditado “*Quando o mar bate na rocha quem se trama é o mexilhão*”, que é um ditado anti-

---

<sup>4</sup> Bíblia online, in: <https://www.bibleserver.com/text/PRT/Provérbios1>

<sup>5</sup> Confucionismo (儒学 Rúxué), é um sistema filosófico chinês, que envolvendo a moral, a política, a pedagogia e a religião, foi a doutrina oficial na China entre os séculos II e começo do XX. A humanidade é o núcleo no confucionismo. ( Extraído de: <http://www.confuchina.com/>)

<sup>6</sup> Taoísmo (道教 Dàojiào), é uma tradição filosófica e religiosa da China, as suas tradições e éticas variam de acordo com a escola, mas, no geral, enfatizam “a serenidade, a não ação, o vazio, a moderação dos desejos, a simplicidade...”

( Extraído de: <http://www.taoist.org.cn/getDjzsByC2Action.do?c2=djyl>)

<sup>7</sup> Budismo Chinês (汉传佛教 Hàrchuán Fójiào), é um ramo do budismo que é originário da Ásia Central. Na China, o budismo é uma das três maiores escolas de filosofia, junto com o confucionismo e o taoísmo. Ele tem influenciado e sido influenciado pela cultura, política, literatura e filosofia chinesas ao longo de dois milênios.( Extraído de: <http://www.rushiwowen.org/category-12-1-004.jsp>)

<sup>8</sup> Legalismo (filosofia chinesa) (法家 Fǎjiā), um das quatro principais escolas de pensamento durante os períodos da Primavera e Outono e dos Reinos Combatentes (770–221 a. C. ), caracteriza-se com, de uma maneira geral, filosofia política que sustenta o poder da lei, mesmo que distinguindo do significado ocidental, que indica os princípios essenciais da jurisprudência.

( Extraído de: [http://www.yckmc.edu.hk/subj\\_chist/content.php?page=cu\\_27.html](http://www.yckmc.edu.hk/subj_chist/content.php?page=cu_27.html))

go e muito popular, significando “quem paga as favas é o pequeno”, citado frequentemente nos movimentos políticos hoje em dia. Transcrevemos, a título de exemplo de utilização deste provérbio, a seguinte, reflexão:

“...é tão antigo como a humanidade porque tem a ver com a água do mar que teima em vir à costa com mais ou menos força, bater nas pedras, na rocha, mas “quem se lixa é sempre o mexilhão” e o mais pequenino porque o maior esse está lá no fundo e longe das batidas da água.” (Coutinho, 2009)

e porque o mexilhão, talvez tenha a mesma pergunta, o autor do blog dá-nos a resposta assim:

“Era o mais abundante. Para além disso, era a comida dos mais pobres do litoral. Senão havia que comer, recorria-se ao mar e traziam-se baldes de mexilhão, lapas, ouriços e já se passava.” (Coutinho, 2009)

e ele também analisa os problemas políticos de modo concreto, baseando-se nesse provérbio: ao mar é daqui atribuído um sentido metafórico da política, nessa altura, indicando que “O pior é quando o mar está bravo. E até aí não se sonha ser líder nem responsável, nem coordenador, nem director, nem ministro.” e nota a seguir:

“Nessa altura arranjam-se todos os meios para sacudir as “vespas” e atirar as culpas para os outros. Lançar a albarda ao chão. O mar é teimoso e “quem se lixa é o mexilhão”, isto é, o inferior. (...) / É preciso ter em conta que quem paga é sempre o pequeno, o inferior, isto não é cristão, mas é esta a forma de estar nesta sociedade, onde parece que as vítimas sofrem e os criminosos andam à solta...” (Coutinho, 2009)

O mexilhão, contudo, é uma figura simbólica muito rara em Portugal, e até sem nenhum sentido simbólico na China. Mas devido à influência da cultura marítima de Portugal, admite-se o sentido atribuído nesse provérbio como uma figura marcada pelo mar.

Podemos dar mais um exemplo, do que é mais utilizado no nosso dia a dia: os peixes, na dimensão dos provérbios portugueses com nomes de animais. Sendo um dos animais

mais comuns na vida cotidiana, os provérbios com peixes são usados frequentemente. Podemos explicar esse fenómeno a partir da relação íntima entre os seres humanos e os peixes. Por um lado, os seres humanos evoluíram dos peixes, os peixes ocupam uma fase na evolução e ficam sempre num lugar inferior ao dos seres humanos, ao mesmo tempo, alimentando os seres humanos, e assim, formado essa ligação inseparável. Nesse caso, não é difícil de entender porque os peixes aparecem tão frequentemente na nossa vida até na nossa comunicação cotidiana. Por outro lado, também com respeito à cultura marítima, é sabido que os portugueses possuem uma devoção intensa por todos os objetos marítimos. Aqui, queremos dar um exemplo típico, que ilustra exatamente esse fenómeno, ao mesmo tempo que marca uma diferença de expressão entre a língua portuguesa e a língua chinesa. Por exemplo, o provérbio “*Filho de peixe sabe nadar*” é um ditado popular muito conhecido em Portugal, usado para demonstrar que os filhos reproduzem geralmente as qualidades e os defeitos paternos. Tal como outros ditados populares, este representa também um estereótipo de comportamentos pessoais, reflete a hereditariedade na limitação dos comportamentos das gerações futuras (mas temos de reconhecer, com o desenvolvimento científico e técnico, do ponto de vista da verdade da ciência, este provérbio já não está completamente certo).

Entretanto, no caso do chinês, o mesmo sentido é transmitido por um animal da terra, o rato, por causa de a China ser considerada um “país terrestre”. Sobre esta questão, achamos que vale a pena discutir um pouco mais. Ou por outras palavras, a China é considerada um país tradicionalmente agrícola. Antes de tudo, geograficamente falando, a maior parte do território chinês é composta por planaltos, cordilheiras e colinas. Além disso, ainda existem muitos rios que atravessam o país. Por isso, a variação de ambiente geográfico decide o desenvolvimento da agricultura na China. Do ponto de vista histórico, observamos que durante o Neolítico, no período Hemudo, já as pessoas cultivavam arroz na China, o que mostra um grande avanço em termos de plantação agrícola. Em relação à organização social, como todos sabem, a China é um dos países com mais habitantes, e é mesmo a pressão da população que promove o desenvolvimento agrícola do país.<sup>9</sup> Por isso estabelece-se uma relação íntima entre a terra e o povo e animais autóctones. Relativamente ao

---

<sup>9</sup> Além das razões referidas, há mais fatores que definem a China como um país tradicionalmente agrícola, mas não são muito relevantes para o presente estudo.

caso de Portugal, trata-se de um país marítimo, embora também apresente, no seu passado, uma tradição agrícola.

Um provérbio chinês relacionado com esta ligação do animal à terra diz assim:

CH: 龙生龙, 凤生凤, 老鼠的儿子会打洞。

PY: Lóng shēng lóng, fèng shēng fèng, lǎoshǔ de érzi huì dǎ dòng.

PT: O dragão nasceu do dragão, a fénix nasceu da fénix, e o filho do rato sabe brocar.

Podemos ver que neste exemplo “*O filho do rato sabe brocar*”, partilha a mesma ordem e forma da expressão com o provérbio português, “*Filho de peixe sabe nadar*”. Assim, através dessa comparação entre os dois provérbios, um em português e outro em chinês, com os mesmos sentidos e estruturas sintáticas mas figuras simbólicas diferentes, é óbvio que o provérbio português apresenta mais reflexos do tema de mar de Portugal, e correspondentemente, no caso em chinês reflete mais o aspeto sobre a terra. Podemos mais confirmar que os dois provérbios português e chinês são, como todos os outros provérbios e dizeres populares, característicos da nossa sociedade, da nossa cultura, das nossas relações sociais e que com certeza vieram para ficar durante muitos mais séculos.

Além do rato que referimos antes, aparecem mais dois animais específicos da China, o dragão e a fénix, achamos que se pode desenvolver aqui algo sobre animais imaginárias que têm origem na mitologia chinesa, já que mais de cento e cinquenta animais imaginários podem ser recolhidos em coleções literais sobre a mitologia chinesa, (Pan, 2014), dos quais o dragão e o fénix são considerados as figuras representadas e mais conhecidas. O dragão chinês é o símbolo poderoso do poder auspicioso, e era historicamente o símbolo do imperador da China, até hoje em dia, muitos chineses usam o termo “龙的传人” <sup>Lóng de Chuánren</sup> (descendentes do dragão) como um símbolo de identidade étnica. O dragão representa o conceito de *yang* (masculino) e associado com o tempo para trazer chuva e de água em geral. O seu correlativo feminino é fénix”, o *yin*.

E comparativamente, no caso Português, ou ocidental, o dragão tem uma imagem completamente diferente do da China, pois é quadrúpede e representado geralmente como mau. Sobre o mesmo caso da mitologia portuguesa, sabemos que a cultura mitográfica é mais popular do que na China, pela influência da cultura Romana e Grega; por causa da divulgação da religião na Europa, as figuras mitológicas sempre aparecem como vários

deuses e deusas. Por exemplo, Carioceus é considerado o deus da guerra na mitologia lusitana, ocupa uma situação em que é considerado o equivalente lusitano ao deus da guerra, Marte para os romanos e Ares para os gregos (Rodrigues, 2004, p.30), dois deuses relativamente conhecidos na cultura ocidental, assim podemos saber o seu valor e a sua importância no contexto cultural de Portugal. No caso dos animais imaginários na mitologia de Portugal, damos o exemplo do deus dos cavalos na mitologia lusitana, chamado Ares Lusitani, que era certamente uma divindade de origem greco-romana adicionada tardiamente ao panteão autóctone, ao qual eram sacrificados animais como carneiros e cavalos (Rodrigues, 2004, p. 30). Os animais são frequentemente também apresentados como animais sagrados acompanhando determinados deuses ou deusas, como é o caso de Atégina, deusa da fertilidade e da terra (Rodrigues, 2004, p. 16):

“a deusa do renascimento (Primavera), fertilidade, natureza e cura na mitologia lusitana. Viam-na como a deusa lusitana da Lua. O nome *Ataegina* é originário do celta *Ate* + *Gena*, que significaria "renascimento". *Ataecina*, *Ataegina* ou *Dea Sancta*, são os nomes mais comuns desta divindade.”<sup>10</sup>

No seu caso, o animal sagrado é o bode ou a cabra.

Por fim, através das discussões e dos exemplos que demos acima, podemos chegar às conclusões seguintes. Principalmente, temos de reconhecer que, quer nos provérbios portugueses, quer nos provérbios chineses, todos os provérbios são criados a partir das coisas objetivas e comuns da nossa vida cotidiana, ocupando totalmente as descrições das suas qualidades. Na área concreta dos textos referentes aos animais, esses provérbios, normalmente, refletem alguns dos seus comportamentos e instintos, para chegar a efeitos didáticos e educativos. O mais importante são as diferenças entre os provérbios nas duas línguas, reveladas nos aspetos linguísticos e culturais, estes últimos concernentes às influências da história, a religião, a geografia, os costumes, etc. Além de tudo isso, os provérbios, como produtos do desenvolvimento das épocas, no que respeita aos significados a eles atribuídos certamente de evoluirão e mudarão incessantemente no futuro.

---

<sup>10</sup> Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/At%C3%A9gina>



### 2.3. A QUESTÃO DA TRADUÇÃO ENTRE OS PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES

A tradução, como uma parte integrante do processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, e devido a concernir os provérbios, nesse presente trabalho, de duas línguas distantes, o português e o chinês, não podemos deixar de pensar na tradução de uma língua para outra. De uma forma geral, sabemos que, como texto padronizado e espelhando a cultura de uma comunidade, a tradução do provérbio não poderá ser feita de uma forma literal nem palavra por palavra. Veja-se o seguinte exemplo:

Provérbio português: “*Gato escaldado de água fria tem medo.*”

Tradução literal para inglês: “*A cat that has been scalded is afraid of cold water*”

Provérbio inglês equivalente: “*Once bitten, twice shy*”

De facto, os Estudos de Tradução, já sendo considerada uma nova disciplina académica, produz uma estreita relação entre a teoria e a prática da tradução, uma dimensão complexa e merecedora de muitos estudos. Portanto, aqui só fazemos uma análise simples e básica que serve para o enquadramento do trabalho que se segue.

Não é difícil de entender que as questões fundamentais da tradução abarcam aspetos linguísticos e culturais; algumas definições confirmam isso mesmo, como:

“De acordo com uma abordagem estritamente linguística, a tradução consistiria em transferir o ‘sentido’ contido num conjunto de signos linguísticos para outro conjunto de signos linguísticos através do recurso competente ao dicionário e à gramática; contudo, o processo envolve também um vasto conjunto de critérios extralinguísticos.” (Bassnett, 2003, p. 35)

E segundo o mesmo texto, podemos concluir que esse “vasto conjunto” indica principalmente as reflexões culturais, e numa perspetiva citada de Edward Sapir: “A experiência, insiste Sapir, é largamente determinada pelos hábitos linguísticos da comunidade e cada estrutura isolada representa uma realidade distinta” (Bassnett, 2003, p. 35). Nesse caso, as traduções no presente trabalho vão conformar estas duas regras gerais. Na dimensão dos estudos da tradução, ainda temos os termos específicos: a língua de partida (LP) e a língua de chegada (LC); desse ponto de partida, a tradução pode ser entendida como a

transferência de um texto originalmente escrito na língua de partida, para uma língua de chegada, mas tem de ser por forma a garantir dois critérios, que são:

- 1) O significado dos dois textos seja aproximadamente o mesmo e;
- 2) as estruturas da LP sejam preservadas tanto quanto possível, mas não tanto que distorçam gravemente as estruturas da LC. (...) A ênfase é colocada na compreensão da sintaxe da língua que é objecto de estudo e no uso da tradução como meio de demonstrar essa compreensão. (Bassnett, 2003, p. 20)

Em relação aos métodos da tradução, temos três tipos básicos e mais conhecidos, que são:

- 1) *Metáfrase*, que seria verter um autor palavra por palavra, ou verso por verso, de uma língua para outra;
- 2) *Paráfrase*, ou tradução em sentido lato; o conceito ciceroniano de tradução do sentido;
- 3) *Imitação*, em que o tradutor pode abandonar o texto original quando entender.

(Bassnett, 2003, p. 105)

Estes três tipos, que foram formulados por John Dryden (1631-1700), são utilizados ainda hoje, mas o segundo é considerado como o mais equilibrado, obviamente, pois, como referimos anteriormente, o que é mais importante na comunicação humana é transferir exatamente os sentidos pretendidos. As línguas distintas, ou seja, as expressões em formas diferentes, servem só de instrumentos para interpretar as ideias e comunicar. Para integrar sistematicamente o processo da tradução, inclusive, aproveitaremos “o esquema do processo de tradução proposto por Eugene Nida”, que “ilustra os estádios envolvidos:”



**Figura 1** – Esquema da tradução, segundo Eugene Nida

Nesse caso, por via de regra, durante o processo de transferência entre o português e o chinês, vai-se aprofundar os conhecimentos dos dois tipos de língua e cultura e os modos de pensar baseados em cada uma das línguas.

Apesar de, até agora, não terem sido formuladas regras próprias para a tradução de provérbios, devido às suas origens bíblicas e à sua popularidade na comunicação oral, podemos transferir algumas regras da tradução da Bíblia e das expressões idiomáticas. A Bíblia é encarada como um “documento didático” e ideológico do povo ocidental e, consequentemente, a história da tradução da Bíblia pode ser considerada “um microcosmos da história da cultura ocidental”, passando tempos difíceis até chegar à realização do texto integral da Bíblia de hoje, que está relativamente autêntico e consumado. No último estágio do processo de tradução, estabeleceu-se a norma de que o tradutor deve traduzir por sentidos e não apenas a partir das palavras: “o traduzir o mais claramente possível a ‘frase’ (i.e., o sentido), sendo a tradução revista por um grupo de colaboradores” (Bassnett, 2003, p. 87). As expressões idiomáticas são determinadas pela cultura, por isso, a sua tradução custa-nos mais na consideração da questão do sentido e da tradução. Normalmente, existem expressões idiomáticas correspondentes que exprimem a mesma ideia em duas línguas.

guas, como o português e o chinês. No caso desse tipo de tradução, que chamamos a tradução interlinguística, os Estudos de Tradução dão-nos a seguinte explicação:

“...no processo da tradução interlinguística, uma é substituída pela outra. Essa substituição faz-se, não na base dos elementos linguísticos da frase nem na base de uma correspondência ou semelhança de imagens contidas na frase, mas na base da função da expressão idiomática.” ( Bassnett, 2003, p. 52)

e explicando ainda mais concretamente:

“A frase da língua fonte é substituída na língua alvo por uma frase que serve o mesmo propósito na cultura de chegada e o processo envolve a substituição de signos da língua fonte por signos da língua alvo.” (Bassnett, 2003, p. 52)

O autor cita, ainda, as observações de Dagut relativas aos problemas envolvidos na tradução da metáfora, o que é relevante para o nosso presente trabalho, por causa dos sentidos metafóricos relativos aos animais aparecidos nos provérbios portugueses e chineses. Parece-nos particularmente interessantes as observações aplicadas à tradução dos provérbios com nomes de animais entre duas línguas:

“Dado que na língua fonte a metáfora é, por definição, um novo desempenho, uma novidade semântica, não pode obviamente ter um ‘equivalente’ pronto na língua alvo: aquilo que é único não pode ter duplicado (...) A grande questão que se coloca é a de saber se uma metáfora pode, em rigor, ser traduzida como *tal* ou se pode apenas ser de algum modo ‘reproduzida’.” ( Bassnett, 2003, p. 52)

Assim, no caso das traduções dos provérbios portugueses e chineses no presente estudo, para entender melhor os contactos e diferenças dos sentidos simbólicos dos animais entre as duas línguas na área proverbial, vamos efetuar as traduções integrando os três tipos de métodos. Ou seja, começaremos por fazer uma primeira tradução literal, palavra por palavra, indicando o que significa cada elemento e a que corresponde na outra língua. E depois, evidentemente, vamos traduzir sentido por sentido, ou seja, perante um determinado provérbio português, procuraremos encontrar o provérbio correspondente em chinês

com mesmo sentido e uma expressão aproximada (a estrutura sintática e as figuras ou os animais parecidos), ou com um mesmo sentido mas expressões diferentes. Será abordada a questão dos contactos e diferenças através de uma análise pormenorizada de exemplos; se não encontramos o provérbio correspondente em chinês, vamos aproveitar o terceiro método de traduzir, exprimindo os sentidos que se querem transmitir por palavras próprias. Às dificuldades deste tipo, levanta-se a questão da intraduzibilidade do texto, que se também desdobra os aspetos linguísticos e culturais, segundo o que Catford distingue e que foi citado em *Estudos de tradução*, notando:

“Ao nível linguístico, a intraduzibilidade ocorre quando não existe na LC um substituto léxico ou sintático para um dado item de uma LP (...) a intraduzibilidade linguística deve-se a diferenças que existem entre a LP e a LC; por seu lado, a intraduzibilidade cultural deve-se à ausência na cultura da LC de um traço situacional relevante presente no texto da LP.” (Bassnett, 2003, p. 64).

Em suma, integrando todas as teorias sistemáticas anteriores, acreditamos que o presente trabalho trará algum contributo aos estudos da língua portuguesa, salientando algumas diferenças culturais na dimensão das figuras animais em relação à cultura chinesa.

## 2.4. ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DOS PROVÉRBIOS EM PORTUGAL E NA CHINA

### 2.4.1. Mitos e cultura popular

Em relação à origem dos provérbios, é sabido que estes nasceram da cultura popular, e que esse tipo de cultura, particular de cada identidade nacional, desempenha um papel importante ao longo da história. Por causa dessa origem, geralmente os provérbios revelam características da cultura popular, salientando-se dois aspetos:

“um é que o seu criador é da comunidade nacional, não é um indivíduo qualquer, outro é que a cultura popular é principalmente em forma oral, não é escrita, não depende da transmissão através por meio da impressão ou dos meios de comunicação social” (Liu, 2012, p. 35).

A partir desta ideia geral, refletindo na questão das origens exatas e concretas dos provérbios, também podemos dizer que estes se perdem no tempo, ou seja, como disse anteriormente, uma das suas características consiste em serem atemporais. Por outro lado, o anonimato determina a dificuldade do processo de perscrutar as suas origens exatas. Apesar de tudo disso, ainda podemos procurar as chamadas “origens” diferentes dos provérbios, como as mencionadas na apresentação do livro *A sabedoria dos provérbios* de António Estanqueiro (1996):

“Nem todos os provérbios têm a mesma origem. Uns brotaram da experiência do povo anónimo e representam um saber testado na prática, ao longo de séculos. Outros, porém, são inspirados em frases Bíblicas, filosóficas ou literárias que se tornaram populares.” (p. 9-10)

Obviamente, isto aplica-se ao caso de Portugal (Europa), mas compreende-se que existem provérbios semelhantes em todos os países, e agora, no caso dos provérbios portugueses, tentaremos observar essa questão a partir de algumas mitologias neles implícitas já que há muitos que têm ligações à Bíblia, outros que foram influenciados pelas culturas judaico-cristã e greco-latina; e das suas utilizações em algumas obras literárias, discursos públicos ou mesmo frases típicas em filmes famosos. Pelo tema do presente trabalho, sendo referente aos animais, somente observaremos os exemplos com nomes de animais.

Por isso, escolhemos alguns exemplos relativamente populares, e ao mesmo tempo, as suas origens e mitologias que nos interessam muito, como: *Fazer um bicho de sete cabeças*: No sentido figurado, ou melhor, no sentido que usamos mais hoje em dia, esta expressão idiomática indica um trabalho com muitas dificuldades, e ainda que o sujeito não tem meios de o resolver. Contudo, o que nos interessa mais na escolha deste exemplo, constitui a sua interessante mitologia:

“Na mitologia, era uma serpente descomunal, com inúmeras cabeças, que habitava região pantanosa de Lerna, na antiga Grécia. Destruir o terrível monstro era um dos 12 trabalhos de Hércules, o grande herói que se submetera à tarefa para recuperar sua honra. A cada cabeça cortada outras mais renasciam do corpo do monstro. Hércules conseguiu cortar todas as cabeças e impedir que outras surgissem, cauterizando cada ponto com enormes tições tirados de uma floresta em chamas’, explica o professor Ari Riboldi. Para muitos autores, a serpente tinha sete cabeças, o que veio a consagrar a expressão.” (Terapeuta, 2015)

*Pensar na morte da bezerra:* Aqui encontramos um exemplo de expressão idiomática que tem a sua origem ligada à cultura judaico-cristã:

“A história mais aceitável para explicar a origem do termo é proveniente das tradições hebraicas, onde os bezerros eram sacrificados para Deus como forma de redenção de pecados. Um filho do rei Absalão tinha grande apego a uma bezerra que foi sacrificada. Assim, após o animal morrer, ele ficou se lamentando e pensando na morte da bezerra. Após alguns meses o garoto morreu.” (Coelho, 2011)

Com efeito, existem várias histórias ligadas à origem dos provérbios e das expressões idiomáticas, não só uma, pois pessoas diferentes têm os seus próprios entendimentos distintos sobre estas unidades textuais e, ao longo dos séculos, desenvolveram as chamadas “origens” que consideramos hoje em dia. No caso do provérbio “*Quem não tem cão, caça com gato*”, o escritor e professor de língua portuguesa Reinaldo Pimenta notou a sua história em duas versões no seu livro sobre a história de alguns provérbios:

“ Quem não tem cão, caça com gato” – De acordo com o especialista, esse ditado tem duas versões. A primeira interpreta o ditado ao pé da letra. Ou seja, quando você não tem cachorro, leva mesmo um gato para caçar. A segunda teoria é que, na verdade, o ditado correto seria: “Quem não tem cão, caça como gato”. Sendo assim, se você não tem um cão para encurralar a caça, você tem que caçar de uma maneira sorrateira, astuciosa, como um gato faz.” (Pimenta, 2012)

No caso dos provérbios chineses, verificamos que os mais antigos surgiram, há mais de 3000 anos. (An, 2008, Extraído de: <http://www.literature.org.cn/Article.aspx?id=42756>)

E os provérbios chineses têm origem em “episódios históricos”, “geralmente da Antiguidade remota”, “de lendas e tradições”, “e de versos da poesia clássica” (Fan, 1997, p. 5). Do mesmo modo, escolhemos alguns exemplares correspondentes, como:

CH: 树倒猢猻散。

PY: Shù dǎo hú sūn sàn.

PT: Quando a árvore cai, os macacos dispersam-se,

este provérbio foi produzido a partir de um episódio histórico. Qin Hui era um primeiro-ministro da dinastia Song do Sul (1127-1279). Ele e os seus ajudantes fizeram mal ao povo, cometendo grandes crimes em efetividade de funções. Mais tarde, Qin Hui foi condenado e morto pelo imperador. Também os ajudantes, sem a proteção do primeiro-ministro, foram demitidos pelo imperador. Depois disso, alguém referiu o sucedido num texto como *quando a árvore cai, os macacos dispersam-se*. Com o tempo, a frase passou a ser um provérbio, com o sentido de que, como revelou Fan (1997) no livro *Cem provérbios chineses*: “quando o chefe dos maus elementos cai, estes caem também, ou põem-se em fuga para salvar a pele.” (p. 168).

CH: 画蛇添足

PY: huà shé tiān zú

PT: Acrescentam-se patas à serpente desenhada.

os chineses usam este provérbio para criticar o ato de acrescentar algumas partes desnecessárias a um trabalho feito, causando um mau resultado. Segundo a lenda, um dia, alguns criados fizeram um concurso para ver quem conseguia desenhar mais depressa uma serpente no chão. A primeira pessoa que acabou viu que os outros ainda não acabaram, decidiu acrescentar algumas patas à serpente porque estava com tempo. A segunda pessoa que concluiu o desenho argumentou que as serpentes não têm patas, e o que a primeira pessoa pintou não era uma serpente. Ficou com o prémio deixando aquele que *acrescentou pernas à serpente desenhada* de boca aberta. Os tempos passaram, mas o provérbio ficou, e é usado frequentemente até hoje. Como disse Fan (1997):

“Ainda hoje, quando alguém faz ou propõe fazer algo desnecessário, arruinado aquilo que está razoavelmente feito em vez de o aperfeiçoar, os chineses comentam que está a *acrescentar pernas à serpente desenhada*.” (p. 17)

Pode observar-se uma outra questão curiosa nesta lenda, isto é, a apreciação pelo dragão do povo chinês: tudo que se relaciona com o dragão é bom. Como o imaginário dragão é



feito com o corpo de serpente com patas, o criado que acabou mais cedo considerou que talvez fosse melhor acrescentá-las.

CH: 狐死首丘

PY: hú sǐ shǒu qiū

PT: A raposa morre de cabeça voltada para a sua colina.

Esta expressão idiomática veio de um poema do grande poeta Qu Yuan (屈原 340 -278? a. C. ) durante o seu exílio. Para mostrar as suas saudades à sua terra natal, ao povo, ao reino perdido, escreveu os seguintes versos:

*“Os pássaros voam, mas voltam sempre ao ninho.*

*A raposa morre, mas morre sempre com a cabeça voltada para a sua colina”<sup>11</sup>*

( Fan, 1997, p. 13)

Hoje em dia, usamos a expressão para mostrar as imensas saudades das pessoas que saem da terra natal e jamais voltam para as suas famílias até ficarem muito velhos.

#### **2.4.2. Processo de formação**

Depois das explicações e exemplos anteriores, mais uma questão chama a nossa atenção, temos curiosidade sobre o processo de formação dos provérbios.

De acordo com o registo histórico, antes do surgimento dos caracteres, os provérbios são transmitidos oralmente de geração em geração. Eles assumiram a função de uma espécie de enciclopédia dos seres humanos, ajudando o povo a melhorar a sua vida e promovendo o desenvolvimento e a sucessão da civilização humana. Após a criação dos caracteres, já se começam a registar estes textos. O registo histórico revela ainda que o provérbio mais antigo conhecido do ser humano está gravado em escrita cuneiforme, que é conside-

---

<sup>11</sup> Mesmo depois de escrever este poema, suicidou-se mergulhando no rio Mi Lo, no dia cinco do quinto mês do calendário lunar. Por isso, os chineses têm uma festividade particular chamada Duan Wu para comemorá-lo.

rada a mais antiga da civilização humana<sup>12</sup>. Segundo Liu (2012) reflete na sua tese *Provérbios e expressões idiomáticas em português e chinês*, concluímos que a formação dos provérbios depende de dois aspetos gerais, compostos pelas condições objetivas externas ao ser humano e as condições internas. Voltamos a falar do provérbio como uma forma que transmite de geração em geração os conhecimentos resultantes das experiências de vida, trabalho, meio ambiente e condições naturais no seio da comunidade. Esses fatores determinam os temas do universo proverbial, os quais são diferentes em cada língua; e ao mesmo tempo, revelam algumas expressões semelhantes em algumas línguas, as quais foram concluídas pelas realidades objetivas da nossa vida quotidiana. E com o desenvolvimento das forças produtivas do ser humano, a vida social torna-se cada vez mais complicada e a divisão de tarefas cada vez mais especializada. Assim, os elementos de comunicação habituais já não eram suficientes, e a questão das necessidades de comunicação em comunidade não pode ser ignorada. Consequentemente, o sistema de comunicação das comunidades sociais tem de ser aperfeiçoado, e por isso surge uma forma com maior capacidade de assumir as mesmas funções, o provérbio.

No aspeto mais teórico e concreto, constituem os fatores internos aqueles que se referem especificamente às funções internas das palavras. Ainda seguimos o pensamento de Liu (2012), refletindo que, em geral, a formação dos provérbios tem três fases: na fase inicial, surge o estabelecimento ideológico sobre alguma experiência quotidiana, produzindo a vontade de transmitir o conhecimento à geração seguinte. Depois, o povo tenta escolher as palavras para formar as locuções e as frases, guardando-as temporariamente, antes de estarem estabilizadas. Em relação à segunda fase de desenvolvimento, dá-nos as explicações seguintes:

“com a expansão constante do âmbito cognitivo humano e a elevação da capacidade cognitiva, o ser humano começou a recorrer aos conceitos concretos já conhecidos na sua experiência para conhecer e compreender os abstratos e desconhecidos, assim, surge o pensamento metafórico, cujo

---

<sup>12</sup> Ver:

[https://books.google.pt/books?id=olatAgAAQBAJ&pg=PT103&lpg=PT103&dq=%E6%9C%80%E6%97%A9%E7%9A%84%E8%B0%9A%E8%AF%AD&source=bl&ots=E\\_QxlReaEW&sig=B13UfB39qCarb-i-GwxOLcyDj3c&hl=zh-CN&sa=X&ved=0ahUKewjTr4WzyI\\_TAhXMvRoKHTizDh0Q6AEIHjAB#v=onepage&q=%E6%9C%80%E6%97%A9%E7%9A%84%E8%B0%9A%E8%AF%AD&f=false](https://books.google.pt/books?id=olatAgAAQBAJ&pg=PT103&lpg=PT103&dq=%E6%9C%80%E6%97%A9%E7%9A%84%E8%B0%9A%E8%AF%AD&source=bl&ots=E_QxlReaEW&sig=B13UfB39qCarb-i-GwxOLcyDj3c&hl=zh-CN&sa=X&ved=0ahUKewjTr4WzyI_TAhXMvRoKHTizDh0Q6AEIHjAB#v=onepage&q=%E6%9C%80%E6%97%A9%E7%9A%84%E8%B0%9A%E8%AF%AD&f=false)

princípio é a substituição de objetos, com base na aproximação de duas realidades com alguma afinidade, para melhor explicação.” (p. 26).

Durante este processo, começam a aparecer as formas proverbiais que usamos hoje, dotadas de função metafórica. A terceira fase é a fase de fixação. Nas últimas duas fases da formação, os provérbios ainda não têm bem definidas as suas estruturas e funções. Mas depois da evolução e melhoramento ao longo dos tempos, os provérbios transformam-se num tipo de expressão com estruturas exatas e são atribuídos os sentidos comparativamente determinados. Além disso, “os provérbios passam a ser usados como um conjunto que não pode ser dividido em partes, começando a ser guardados como unidades estruturais com maior fixidez e grande resistência à mudança” (p. 26).

Concluímos, nesta formulação teórica, que os fatores internos são quase iguais, quer no universo português quer chinês. As diferenças referidas no português e chinês dependem principalmente das condições objetivas externas ao ser humano como dissemos anteriormente.

De facto, não deixamos de falar do fenómeno, muito frequente no desenvolvimento da paremiologia, quer no português, quer no chinês, que é a transformação dos sentidos, ou seja, podemos saber a origem de um provérbio, mas o seu sentido atribuído que usamos correntemente, pode ser diferente da sua origem, perdendo-se algumas relações entre os sentidos atual e original. Como confirmou o autor: “vai sofrendo transformações para se adaptar aos novos tempos. Não obstante, conserva sempre traços ou vestígios históricos, que refletem o pensamento do povo ao longo dos tempos” (Liu, 2012, p. 35). Então, o exemplo a seguir exprime concretamente esse fenómeno na cultura portuguesa:

*“Tirar o cavalo da chuva:* Há uma historia associada a esta expressão idiomática. Segundo a lenda, há muito tempo atrás, no século XIX, quando as pessoas faziam uma visita que durava pouco tempo, punham os seus cavalos fora de casa dos donos, mas se demoravam um tempo longo, iam colocar os cavalos num lugar protegido da chuva e do sol. Mas, os visitantes só podem pô-los no lugar protegido da chuva depois dos donos admitirem a visita, ou melhor, se os donos demonstrarem vontade em receber visitas, eles vão dizer os visitantes: “podem tirar o cavalo da chuva”. Contudo, depois disso, no decurso dos séculos, o provérbio, hoje em dia, significa “a desistência de alguma coisa”. ” ( Coelho, 2011)

No universo chinês, a mudança do sentido aconteceu frequentemente também, ou melhor dizendo, os sentidos atribuídos aos provérbios já se diferem dos originais.

Por exemplo:

CH: 呆若木鸡

PY: dāi ruò mù jī

PT: Burro como um galo de madeira

Em luta de galos, os que se mantêm calmos e imóveis como “um pedaço de madeira” é que atacam com mais ferocidade, por isso o provérbio era usado para descrever alguém aparentemente burro e lento, mas que na verdade é firme e cauteloso com grandes capacidades de combate. Mas com o decorrer do tempo, este provérbio passa a ser interpretado literalmente referente a uma pessoa com pouca inteligência e que não sabe reagir. Alterou-se o seu sentido, inicialmente apreciativo, para o depreciativo de hoje.

Através deste exemplo, podemos ver que o sentido de alguns provérbios pode mudar durante o seu desenvolvimento, e que é importante ter conhecimento sobre contextos específicos para os interpretar corretamente.

Integrando a expressão metafórica dos provérbios, o sentido de alguns estende-se ao longo dos tempos, como:

CH: 一朝被蛇咬，十年怕井绳。

PY: Yì zhāo bèi shé yǎo, shí nián pà jǐng shéng.

PT: Um dia foi atacado por uma serpente, há dez anos tem medo de cordas.

relativamente próximo de "*Gato escaldado de água fria tem medo*" de Portugal: é do senso comum, relacionado com a experiência quotidiana, que a serpente e a corda feita de cânhamo são semelhantes; assim, quando a expressão se formou, na primeira fase, o seu objetivo podia exprimir o significado literal; nas segunda e terceira fases do processo da formação dos provérbios, em situações atuais, o provérbio é usado nos mais variados contextos: por exemplo, se for ferido ou preso numa situação, não tem coragem para enfrentar outras que se lhe assemelhem, mesmo que, na verdade, sejam diferentes.

### 2.4.3. Desenvolvimento

Seguindo as alterações dos provérbios, e ao mesmo tempo, a resistência das suas origens, os provérbios eram usados cada vez mais nas áreas sociais. Por outro lado, com o desenvolvimento dos meios de comunicação social, sendo mais variados e intuitivos, os provérbios aparecem no teatro, na televisão, em vídeo, em músicas, na propaganda e nos movimentos populares. Durante este processo, é interessante observar a produção de enunciados que surgem quase como novos provérbios, com origem nos diálogos dos teatros e filmes, muitas obras filmográficas frequentemente têm diálogos absolutamente espantosos, como “Every dog happens for a reason” do filme *A Dog’s Purpose*, que foi protagonizado por Lasse Hallström. Entretanto, em Portugal, existe um provérbio com um sentido e estrutura sintática semelhantes, mas no fundo com os sentidos interiores diferentes: *Cada macaco no seu galho*, quer dizer que as pessoas devem reconhecer o seu lugar, sem se intrometerem em assuntos alheios que não lhes competem.

Num caso semelhante, também existe a utilização de provérbio nos filmes chineses, e, por causa da divulgação dos filmes, torna-se mais conhecido. Escolhemos o filme intitulado “*O Tigre e o Dragão*”, cujo nome em chinês é um provérbio:

CH: 卧虎藏龙

PY: wò hǔ cáng lóng

TL: tigre deitado, dragão escondido

PT: O tigre e o dragão

Este provérbio refere-se a pessoas com grande capacidade mas humildes ou que ainda não são descobertas por outros, como um tigre adormecido ou um dragão escondido.

assim, quer o “Every dog happens for a reason”, quer o “卧虎藏龙”, ficaram mais conhecidos, e temos ainda o caso de *Ser, ou não ser, eis a questão*, frase de Hamlet de Shakespeare que, de tão popular, funciona, na prática, como um provérbio, que vem da literatura; em Portugal e na China, também há muitos ditos famosos conhecidos pelo povo do país, já que provenientes de obras literárias contemporâneas famosas. Como aponta Helena Vaz

Duarte (2006) no seu livro *Provérbios segundo José Saramago*, os provérbios *As palavras são como as cerejas, Três é a conta que Deus fez*, etc., que são citados na fala do povo português, aparecem frequentemente nos seus escritos (pp. 41-42).

Na área musical, há mesmo uma canção chinesa que se chama *Lobo em pele de cordeiro* (披着羊皮的狼 pī zhe yáng pí de láng)<sup>13</sup>, o provérbio foi escolhido como o nome da canção, e por causa da divulgação da música, o provérbio tornou-se ainda mais conhecido e usado popularmente na comunicação das pessoas.

De modo semelhante, os provérbios e os meios de comunicação social estabelecem uma ligação de interação, deixando as comunicações humanas mais civilizadas e mais interessantes também. Assim, promovem-se intercâmbios culturais e sociais e, ao mesmo tempo, promove-se o desenvolvimento e sucessão dos provérbios de geração em geração.

“Por outro lado, como os provérbios fazem parte do sistema linguístico, o desenvolvimento deste também vai ter consequências no desenvolvimento daqueles, com algumas transformações na sua forma, a conversão de sentidos negativos em positivos e vice-versa.” (Liu, 2012, p. 28)

Não se pode pois omitir a sua linguística, concluindo que a paremiologia constitui uma área na qual vale a pena dissertar. No caso dos provérbios com nomes de animais, o fenómeno de “a conversão de sentidos negativos em positivos e vice-versa” era muito frequentemente abordado, pois, os animais são geralmente considerados inferiores aos seres humanos e, por isso, as metáforas com animais tendem principalmente para o sentido negativo, embora decerto nem todas. Assim, as pessoas usavam esses provérbios com as figuras de animais para transmitir os pensamentos e criticar alguns assuntos aproveitando as suas metáforas. Neste tipo de utilização não se fazem grandes mudanças nos sentidos por causa dos estereótipos dos animais que cada povo apresenta, quer os portugueses, quer os chineses.

---

<sup>13</sup> É uma canção que enaltece o sacrifício feito pelo amor: um homem apaixonado por uma mulher dócil e simpática como “cordeiro”. Pelo amor, reprime o verdadeiro “eu” com feitiços de “lobo” e veste-se em pele de cordeiro para estar com ela. O provérbio usado no título na verdade refere pessoas muito más mas que se comportam bem na aparência.

Em conclusão, em termos do seu desenvolvimento, os provérbios estão estreitamente relacionados com o desenvolvimento social, transmitindo os conhecimentos morais e conselhos ou juízos de valor, ao mesmo tempo que são reformados ao longo dos tempos, sofrendo alterações, como disse Liu (2012): “alguns deles tornam-se cada vez mais profundos durante o processo de uso popular a longo prazo, há alguns significados que se amplificam durante a aplicação dos mesmos e os significados de alguns sofrem conversão entre o sentido negativo e o positivo” (p. 28).

## CAPÍTULO 2. APRESENTAÇÃO GERAL DOS PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES (COM NOMES DE ANIMAIS)

### 2.1 OS ANIMAIS MAIS POPULARES NOS PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES

Neste capítulo, seguindo uma apresentação geral aos provérbios portugueses e chineses com nomes de animais, numa primeira fase, seleccionamos cinco nomes de animais mais conhecidos que surgem mais frequentemente nos provérbios em Portugal e na China. Em seguida, a partir dos animais escolhidos, vamos analisar o seu simbolismo para os falantes portugueses e chineses, respetivamente. Outros aspetos serão igualmente referidos.

No que respeita aos provérbios portugueses, percorremos, em primeiro lugar, um livro com uma coletânea de provérbios *Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses* (Mello, 1988), na secção dos animais, fazendo o levantamento de cada animal e da sua frequência nos provérbios dessa secção. Seleccionamos os cinco nomes de animais que surgem mais frequentemente, e que, do mais para o menos frequente são: burro/asno/jumento, cão/cadela, ovelha/carneiro/cordeiro, galinha/galo/pinto/frango, gato/gata. Foram agrupadas na mesma categoria as designações alternativas do animal (sinónimos), bem como as designações das respetivas fêmeas e crias.

Nome do animal	Exemplo de provérbio	Percentagem em todos os provérbios com nomes de animais
burro/asno/jumento	<i>Burro que geme carga não teme.</i>	14,9%
cão/cadela	<i>Quem tem medo compra um cão.</i>	12,5%
ovelha/carneiro/cordeiro	<i>Deus te dê ovelhas e filhos pra elas.</i>	9,2%
galinha/galo/pinto/frango	<i>Grão a grão enche a galinha o papo.</i>	6,6%
gato/gata	<i>Gato escaldado de água fria tem medo</i>	5,0%

**Quadro 1** – Os 5 animais mais frequentes na recolha de Mello (1988)



Na mesma recolha, encontramos muitos outros animais, tais como:

Abelha – *Não morde a abelha senão a quem trata com ela.*  
Aranha – *Aranha quem te arranha? Outra aranha.*  
Boi/vaca/novilho – *A boi velho chocalho novo.*  
Cabra/cabrito – *A cabra puxa sempre para o monte*  
Caracol – *O caracol onde nasce pasce.*  
Cavalo/alazão/potro/égua – *A cavalo dado não se olha o dente.*  
Cobra – *A quem mordeu a cobra, guarde-se dela.*  
Coelho – *A coelho ido coelho vindo.*  
Corvo – *Cria o corvo, tirar-te-á o olho.*  
Escaravelho – *O escaravelho a seus filhos chama grãos de ouro.*  
Falcão – *Voo de falcão, morte de gavião.*  
Formiga – *Dá Deus asas à formiga para se perder mais asinha.*  
Furão – *A furão cansado tira-lhe o açaimo.*  
Gavião – *Nunca bom gavião de francelho que vem à mão.*  
Lagarta – *Onde nasce a lagarta aí se farta.*  
Leão – *Em entradas de leão, saídas de sendeiro.*  
Lebre – *Donde se não cuida salta a lebre.*  
Lobo/loba – *Falai no lobo, ver-lhe-eis a pele.*  
Macaco – *Macaco velho não põe pé em galho seco.*  
Mosca – *Guardou-se da mosca, comeu-a a aranha.*  
Mula – *A mula velha cabeçada nova.*  
Ouriço-cacheiro – *Nunca se matou ouriço-cacheiro às punhadas.*  
Pardal – *À sombra do milheiro come o pardal.*  
Pega – *Ninho feito, pega morta.*  
Peixe – *Filho de peixe sabe nadar.*  
Perdiz – *A perdiz e o frade, de manhã ou de tarde.*  
Pombo/pomba/rola – *Casa de pombos casa de tombos.*  
Porco/bácoro – *O pior porco come a melhor lande.*  
Pulga – *Há muitas maneiras de matar pulgas.*  
Raposa – *Caldo de raposa frio queima.*  
Rato – *Filho de rato foge para o palheiro.*  
Sardinha – *Uma sardinha derreia um burro.*

Atentando nos cinco animais mais frequentes, nesta recolha, e que estão patentes no quadro 1 acima, podemos ver que todos os escolhidos são animais terrestres, embora Portugal seja considerado um país marítimo, como nós dissemos antes. Este facto, não é aqui manifestado tanto como um fator essencial ao estado de Portugal. Parece, portanto, refletir-se nestes provérbios um carácter agrícola que Portugal, especialmente em épocas passadas, apresentava. Daí a maior percentagem de animais da quinta, como o burro e a ovelha, aves de criação, como a galinha. Já o cão e o gato, sendo animais domésticos de companhia, estão igualmente presente na vida rural como auxiliares: no caso do cão, temos a caça, a guarda e a pastorícia; no caso do gato, temos o controle da população dos ratos, animais

nocivos das colheitas. Na lista que se segue ao quadro, verificamos igualmente a presença de animais ligados à vida rural e, em muito menor número, ao ambiente marítimo.

Analisando uma outra recolha de provérbios portugueses, desta vez patente na internet, verificamos que os mesmos cinco animais são os mais frequentes. No entanto, nesta segunda recolha por nós analisada, as percentagens de cada um diferiam um pouco, o que se traduziu numa ordenação diferente (ver quadro 2 abaixo).

Nome do animal	Exemplo de provérbio	Percentagem em todos os provérbios com nomes de animais
cão/cadela	<i>As cadelas apressadas parem cães tortos.</i>	13.4%
galinha/galo/pinto/frango	<i>Ao afortunado até os galos põem ovos.</i>	11.4%
burro/asno/jumento	<i>Asno que a Roma vá, asno volta de lá.</i>	9.8%
gato/gata	<i>À noite, todos os gatos são pardos.</i>	7.7%
ovelha/carneiro/cordeiro	<i>A lã nunca pesou ao carneiro.</i>	7.7%

**Quadro 2** – Os 5 animais mais frequentes na recolha  
*Provérbios com animais e plantas.* Acedido em 17-03-2017, em  
<https://zh.scribd.com/doc/51525778/Proverbios-Com-Animais-e-Plantas>

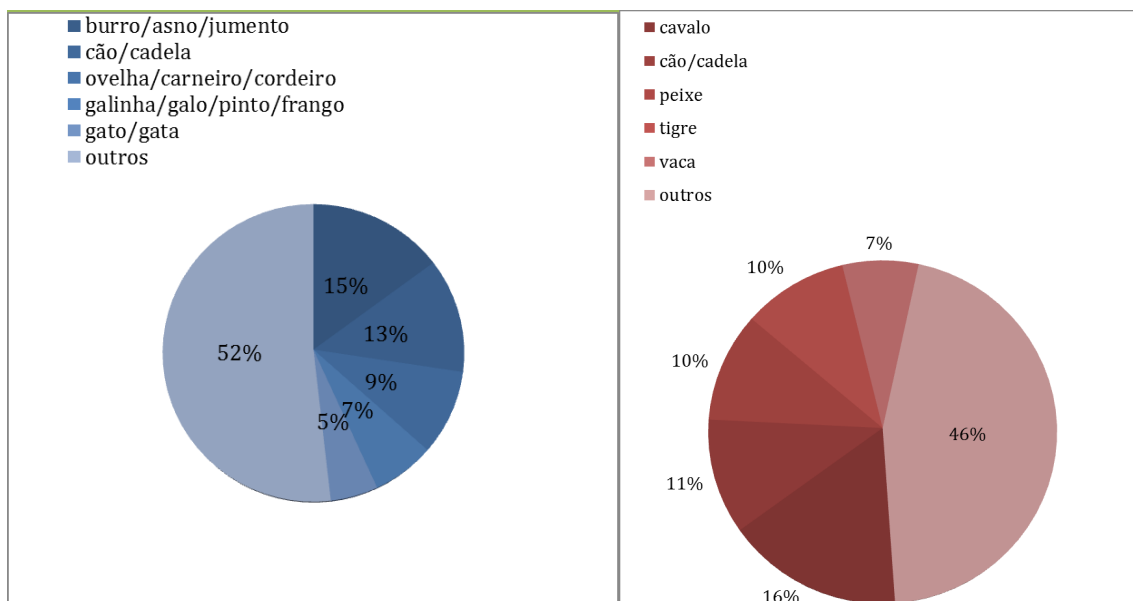
Para além dos provérbios portugueses, interessou-nos confrontar os resultados com os obtidos através da análise de recolhas de provérbios chineses. Nesse sentido, analisámos uma recolha efetuada por William Scarborough e publicada em livro. E assim, concluímos que nessa coleção proverbial com o número total de dois mil setecentos e vinte itens, aparecem duzentos e setenta e dois provérbios relacionados com animais, ocupando mais de dez per cento do total. Contudo, na sua segunda secção, uma parte especificamente dedicada aos animais, só há trinta e quatro provérbios, mas a razão que explica esta aparente menor frequência, tem a ver com o facto de os provérbios da coleção estarem classificados a partir dos diferentes temas que os seus sentidos refletem, ou seja, alguns provérbios com nomes de animais refletem os sentidos das filosofias da vida, das regras sobre as comunicações humanas e outros. Assim, embora apareçam nomes de animais nos provérbios, estes

encontram-se categorizados também nas outras secções. Ao mesmo tempo, também selecionamos os cinco animais que aparecem mais frequentemente nesse caso. Os 5 animais mais frequentes são os que constam do quadro 3 abaixo.

Nome do animal	Exemplo de provérbio	Percentagem em todos os provérbios com nomes de animais
cavalo	<p>路遥知马力，事久见人心。 (PY: Lù yáo zhī mǎ lì, shì jiǔ jiàn rén xīn.) Distance tests a horse's strength; long service reveals a man's character. PT: A distância testa a força de um cavalo; um longo serviço revela o caráter de um homem.</p>	16.1%
cão/cadela	<p>偷鸡摸狗，总不改性。 (PY: Tōu jī mō gǒu, zǒng bù gǎi xìng.) He who steals fowls and dogs, will never change his disposition. PT: Aquele que rouba galinhas e cães, nunca mudará sua disposição.</p>	10.8%
peixe	<p>临渊羡鱼，不如退而结网。 (PY: Lín yuān xiàn yú, bù rú tuì ér jié wǎng.) You had better return home and make a net, than go down to the river and desire to get the fishes. PT: É melhor voltar para casa e fazer uma rede, do que ir ao rio e desejar obter os peixes.</p>	10.4%
tigre	<p>不入虎穴，不得虎子。 (PY: Bù rù hǔ xué, bù dé hǔ zǐ.) If you do not enter a tiger's den, you cannot get his cubs. PT: Se você não entra na cova de um tigre, você não pode pegar seus filhotes.</p>	10.0%
vaca	<p>抱琵琶进磨坊，对牛弹琴。 (PY: Bào pí pá jìn mò fāng, duì niú tán qín.) To carry a guitar into a mill, and play to the oxen. PT: Leva uma guitarra para um moinho e brinca com os bois.</p>	7.2%

**Quadro 3** – Os 5 animais mais frequentes na recolha de William Scarborough (1875) *A collection of chinese proverbs*. Shanghai: American Presbyterian Mission Press

Para mostrar a diferença entre o caso português e o caso chinês, fazemos aqui um gráfico comparativo entre os resultados dos Quadros 1 e 3.



De seguida, passaremos a apresentar os animais mais frequentes nestas recolhas e as possíveis razões que terão levado a essa presença num género textual tradicional como o texto parémico.

### Cão e gato

Durante o processo de estudo desta questão, verificamos que não só na língua portuguesa, o cão e o gato salientam-se na constituição dos provérbios com nomes de animais, e também são figuras comuns em chinês, inglês e em outras línguas. Do ponto de vista físico, o cão como o mais antigo animal domesticado pelo ser humano, possui várias características que o tornam de grande utilidade para o homem; por exemplo, o excelente olfato e audição fazem dele um bom caçador e corredor vigoroso. Ao mesmo tempo, sobre a audição, o gato possui tanta capacidade ou até mais nesse aspeto. E mais ainda, o cão é considerado relativamente dócil e leal, inteligente e com boa capacidade de aprendizagem. Desse modo, o cão pode ser adestrado para executar um grande número de tarefas úteis, como um cão de caça, de guarda ou pastor de rebanhos. Em relação ao ser humano e sua relação com o cão coloca-se a questão polémica ao longo dos tempos, e distinta nas regiões, de que o cão tem a capacidade particular de entender as emoções humanas, conhecendo as línguas e pensamentos dos homens, ou seja, possuindo a cognição social como o ser humano. Por

isso, o cão é considerado “o melhor amigo do ser humano” e cada vez mais amigo das pessoas que preferem tratá-lo como o animal de estimação. Através do estudo, notamos que, quando o homem trata o cão como um ser humano, o cão pode responder de uma forma adaptada ao homem, satisfazendo-o e, de alguma forma, comunicando com ele. Tentando aprofundar como se estabelece essa comunicação, encontramos as explicações seguintes: inicialmente, o cão cria impressões relativamente ao ser humano que não mudam facilmente, quer dizer, quando os cães veem os comportamentos, eles produzem uma memória, guardando-a como um tipo de instinto difícil de mudar. Depois, o cão vai aprender rapidamente as faculdades que o homem espera dele, para compartilhar e atenuar algumas tarefas humanas, finalmente dando as respostas esperadas.

No caso do gato, reflete os estados semelhantes ao cão – o cão faz-se o bom caçador, o gato é o bom caçador dos ratos –, mas as suas capacidades são mais limitadas, relativamente ao cão, e por isso mesmo, o gato representa um papel com menos valor do que o cão. Mas também é uma figura importante na vida quotidiana do ser humano, o que se reflete, como vemos no presente trabalho, na utilização dos provérbios com nomes de animais.

Em conclusão, o processo de domesticação dos cães e dos gatos fez com que eles se adaptassem aos homens em todos os sentidos. Sendo o cão e o gato os animais mais próximos à vida do ser humano, justifica-se assim porque existem tantos provérbios populares sobre estes dois animais.

### **Galinha/galo**

O galináceo tem uma enorme importância para o homem, sendo um dos animais domésticos mais difundidos e abundantes do planeta. Tem funções diferentes dos cães e dos gatos, constituindo uma importante fonte de alimento há muitos séculos, ou melhor dizendo, uma das fontes de proteína mais baratas para o ser humano. As galinhas/galos reproduzem-se facilmente e com uma periodicidade curta e oferecem-nos alimentos essenciais. Estes factos explicam a grande presença destas aves nas comunidades humanas. Por outro lado, o galo é considerado o animal que pode representar Portugal, como o panda-gigante em relação à China. Em Portugal, quase todos sabem a lenda do galo de Barce-

los<sup>14</sup>, que constitui um dos símbolos clássicos da cultura portuguesa. Há várias versões sobre a escolha do galo como símbolo do seu país, porém, uma coisa é certa: tudo começou com uma lenda que fala de fé e de justiça.

Também há muitos clubes e empresas que escolhem o galo ou palavras derivadas dele na sua denominação, aproveitando os seus sentidos figurativos, com o fim de estabelecer o espírito daqueles clubes e aspirar ao bom desenvolvimento das lojas no futuro. Além disso, a figura do galo é utilizada frequentemente em algumas marcas registadas. Aqui, temos o melhor exemplo, sendo *Gallo* uma marca de Portugal que está presente atualmente em mais de quarenta países, até mesmo como um “cartão de visita” de Portugal na área do comércio. Com efeito, os produtos *Gallo* são reconhecidos pelos consumidores em todo o mundo.



**Figura 1** – Exemplos de logótipos de marca comercial e clube desportivo com ícone de galo  
Fontes: <<https://www.gallooliveoil.com>> e <<http://www.galitos.pt>>

A escolha do galo em clubes e marcas prende-se também com a ideia de que o galo é o “chefe” da capoeira, sendo o poleiro metaforicamente encarado como um símbolo de poder e o seu cantar como a palavra do líder (Coimbra, 1999, p. 301).

---

<sup>14</sup> Durante um banquete oferecido por um proprietário rico de Barcelos, uma parte da prata foi roubada e um dos convidados foi acusado do roubo e considerado culpado pelo tribunal. Apesar das provas esmagadoras contra ele, confessou que estava inocente. O magistrado deu ao acusado uma última oportunidade para se defender. Este, ao observar um galo dentro dum cesto, disse-lhe: “Se eu for inocente, o galo cantará!” O galo cantou e o acusado foi posto em liberdade.

(Retrieved from: <https://linguacultura.wordpress.com/2014/05/12/cultura-portuguesa-o-galo-de-barcelos/>)

## Burro

Percorrendo um artigo escrito por um autor português, encontramos a seguinte explicação: “se pedir a alguém que diga qual é o melhor amigo do homem, ouvirá decerto falar do cão, devido à sua simpatia e por ter sido um dos primeiros animais selvagens a serem domesticados”, mas o autor diz também que: “Porém, se fizesse a mesma pergunta a um camponês, há apenas meio século, ele responderia sem hesitações: o burro, companheiro inseparável das gentes do campo”.<sup>15</sup> Isso reflete, mais uma vez, a antiga vertente essencialmente rural do país. Os jumentos foram prosperando pelo território e acabaram por se tornar ícones da ruralidade. Com efeito, os burros revelam uma capacidade de adaptação mais forte do que os cavalos, e ainda custam relativamente menos também. Eles não clamam a qualidade dos alimentos e o espaço de viver, possuindo a função de carregar os objetos pesados, pois sendo usados principalmente como transportadores de haveres, oferecem uma enorme força de trabalho à vida social dos humanos. Além disso, a sua característica de ser dócil, determina a sua grande figura na vida quotidiana e o fator essencial da sua integração social com o ser humano, como um animal de carga e labuta. Como se afirma no mesmo artigo, no caso de Portugal, o burro era importante, quer no tempo atual, quer no passado:

“ através do Recenseamento Geral dos Gados do Continente do Reino de Portugal, sabe-se que em 1870, por exemplo, havia 137 950 asnos, pertencentes a 110 510 donos. Contudo, o seu número ainda haveria de duplicar no primeiro quartel do século XX, quando se tornaram companheiros indissociáveis de inúmeros ofícios (...) sabe-se que arrastavam os vagões nas minas, lavravam a terra, puxavam carroças e noras e transportavam tudo às costas, tanto pelas ladeiras pedregosas das encostas mais íngremes, como nas longas viagens de peregrinação e romaria.” (O ocaso dos burros, 2013)

É verdade que os burros sempre acompanharam o homem ao longo da história. Ascendendo a elementos culturais, eles são objeto de reflexão quando se estuda a cultura ocidental:

---

<sup>15</sup> Ver: “O caso dos burros”. Revista *SuperInteressante*, n.º 182 – Junho de 2013. Acedido em: [http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2598:o-ocaso-dos-burros&catid=6:artigos&Itemid=80](http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2598:o-ocaso-dos-burros&catid=6:artigos&Itemid=80)

“As representações mais antigas do burro domesticado surgem em pinturas murais de túmulos e outras estruturas funerárias (cerca de 2500 a.C.), onde aparece carregado com fardos ou tapetes. Partindo do vale do Nilo, acompanhou as migrações humanas, sendo usado principalmente como transportador de haveres. Nessa qualidade, de animal de carga, terá alcançado a Ásia e a Europa, tendo chegado à península Ibérica aproximadamente dois séculos antes do nascimento de Cristo. ” (O ocaso dos burros, 2013)

Em relação ao lugar de Cristo na cultura ocidental, sabemos que o Natal é o dia em que se comemora o nascimento de Jesus. Há muitos símbolos associados ao Natal e o significado de cada um desses símbolos carrega um sentimento de alegria e de esperança. Dentro destes, o presépio corresponde à cena de natividade, ou seja, o nascimento do menino Jesus num estábulo. O presépio é o lugar onde se encontram os burros e ovelhas, mas também onde começou a vida de Jesus. Além disso, de acordo com a Bíblia, mais tarde Cristo entrou em Jerusalém num burro para mostrar a sua modéstia.

### **Ovelha/Carneiro/Cordeiro**

Sendo gado ovino, ovelha, carneiro e cordeiro constituem um tipo de animal de enorme importância económica como fonte de carne, laticínios, lã e couro, tanto no passado como hoje em dia. A ovelha foi domesticada, inicialmente, na Idade do Bronze<sup>16</sup>. Estes animais são criados em cativeiro em todos os continentes e, quase sempre, criados em rebanhos. Ao mesmo tempo, eles precisam de cuidados sistemáticos, quer pelo facto de se tratar de um rebanho grande, quer por serem animais sensíveis. Basicamente são uns animais dóceis, diferentes do cão, burro e outros que referimos anteriormente. No conhecimento cognitivo dos povos, quer no sentido da cultura popular, quer na convicção religiosa, a ovelha é considerada um animal que não tem nenhum mecanismo natural de defesa, A metáfora da ovelha como ser indefeso que necessita de proteção é, pois muito utilizada em discurso religioso e doutrinal, como no seguinte exemplo:

---

<sup>16</sup> Ver: A ovelha (*Ovis aries*), que pode ser chamada no masculino por carneiro e quando nova como cordeiro, anho ou borrego, é um mamífero da sub-família Caprinae, que também inclui a cabra. Criada em cativeiro em todos os continentes, a ovelha foi domesticada na Idade do Bronze a partir do muflão (*Ovis orientalis*), que vive actualmente nas montanhas da Turquia e Iraque. Extraído de: <http://elearning.up.pt/ppayo/EXOgnosia%202008-09/WEB%20ALUNOS/OVINOS%20A3/Introducao/INTRODUCAO.htm>



“ A ovelha é um animal dócil e super sensível. Ela não tem nenhum mecanismo natural de defesa, por isso precisa de um pastor, para orientá-la para onde ir e protegê-la dos animais predadores. [...] O Senhor Jesus já tinha visto isso quando esteve aqui... Olha o que Ele disse em Mateus 9:36: “E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor.” (Cardoso, 2016)

Contudo, no caso dos carneiros, as pessoas pensam que eles se encontram numa situação melhor nesse aspeto e, com efeito, eles têm de ser assim para a sobrevivência dos familiares.

Em conclusão, podemos ver que os cinco animais mais frequentes nos provérbios de Portugal todos fazem parte do conjunto dos primeiros animais domesticados pelo ser humano, convivendo com os homens ao longo dos tempos, fazendo grande parte durante a evolução do ser humano. A característica dócil deles, constitui o maior atributo comum, determinando as suas domesticações mais cedo do que outros, distinguindo-os dos chamados animais selvagens na atualidade. A domesticação aos animais “consiste na seleção e adaptação de certos seres vivos, considerados úteis para suprir necessidades humanas”, sendo benéfica para o desenvolvimento da história da civilização, e mais ainda, concretiza uma vida melhor e mais conveniente para o ser humano. Assim, os animais caracterizavam as personagens importantes e cada vez mais próximas aos homens ao longo dos tempos, faziam grande parte da vida, da cultura e dos costumes humanos. É assim que, no presente trabalho, verificamos que os provérbios com nomes de animais são a melhor revelação da integração dos animais com a cultura humana.

## 2.2 OS ESTEREÓTIPOS PRINCIPAIS DA METÁFORA ANIMAL NA LÍNGUA PORTUGUESA E CHINESA

Como dissemos anteriormente, os provérbios têm frequentemente uma leitura metafórica, sobretudo os com nomes de animais, o que constitui uma das suas características mais importantes. Por isso, é essencial conhecer os estereótipos da metáfora animal no caso das culturas em questão. Assim, esse conhecimento ajuda-nos a aprofundar o estudo dos provérbios com nomes de animais no presente trabalho, ou melhor, no estudo das duas línguas e culturas.

## Cão/cadela

Os simbolismos do animal canino apresentam dois aspetos extremos: o benéfico e o maléfico. Como já referimos, o cão/cadela é principalmente o símbolo de lealdade, é o companheiro mais fiel do homem, ajudando-o, e guardando as casas dos seus donos. Do ponto de vista contrário, tem sentidos negativos associados; por exemplo, possui um significado simbólico relacionado com a morte e o inferno, além disso, também associado aos impérios subterrâneos e invisíveis.

Numa visão interessante das mitologias ancestrais, encontramos a história de que o cão roubou o segredo do fogo, melhor dizendo, que o descobriu e trouxe aos humanos. Assim, adiciona ao cão uma reflexão do conhecimento da vida humana e do além da vida. Às vezes, também se associa à imagem de um herói civilizador, um conquistador do fogo, como refletido em:

“Muitas vezes ele é também associado à imagem de um herói civilizador, um conquistador do fogo, aquele que fortalece o seu simbolismo com um teor sexual e libidinoso.....A voracidade canina associa-se à voracidade sexual do homem, em sua força instintiva. Assim, o cão frequentemente aparece associado ao fogo e à sexualidade, como um símbolo de potência sexual.” (Dicionário de símbolos, 2008)

Essa característica do cão é aproveitada mesmo em um provérbio português, refletindo assim: *cão faminto só acredita na carne*. No caso de Portugal, pela influência da cultura ocidental, o cão, como figura mitológica, está presente na mitologia Grega, como o Cérbero, e na mitologia egípcia, como Anúbis; também associado a Hermes.

Contudo, na China, com um contexto de cultura oriental, distinto do português, reflete-se em figuras diferentes, por exemplo: na mitologia chinesa, o cão celestial sagrado (哮天犬 *Xiāotiānquǎn*), cujo nome em chinês significa literalmente “cão que ladra ao céu” acompanha o seu dono, um deus guerreiro e luta com ele em guerras.

Contudo, em provérbios chineses, o simbolismo dos cães tende relativamente para o aspeto maléfico, como alguns provérbios atestam:

CH: 狗眼看人低

PY: gǒu yǎn kàn rén dī

PT: O **cão** olha para as pessoas, agindo como um snobe.

CH: 狗仗人势

PY: gǒu zhàng rén shì

PT: O **cão** ameaça as pessoas com a força do poder do seu mestre

CH: 狗拿耗子多管闲事。

PY: gǒu ná hào zi duō guǎn xián shì.

PT: O **cão** presa os ratos, preocupa os negócios dos outros.

Em todos os exemplos, o cão surge como uma figura com sentido maléfico, determinando os sentidos negativos dos provérbios.

### **Gato/gata**

Do mesmo modo, varia o simbolismo do gato. Os gatos sempre são considerados as figuras representadas, como o gato japonês “Maneki Neko”, conhecido como Gato da sorte. Normalmente, as pessoas acham que é “um animal que simboliza a independência, a sabedoria, a sensualidade, a sagacidade, o equilíbrio” (Dicionário de símbolos, 2008) etc. Muitas vezes, o gato possui uma imagem mística, ligado a assuntos fabulosos, uma vez que “representa a fusão do espiritual e do físico.” Por isso, dizemos que o seu simbolismo é mesmo diversificado como o do cão, ou até mais.

Os gatos revelam imensas espiritualidades, quer na cultura ocidental, quer na oriental. No contexto da cultura cristã, inicialmente, os cristãos reverenciam os gatos, mas com o passar do tempo, na Idade Média, os gatos começaram a associar-se às magias e feitiçarias das bruxas; por isso, aquele período adicionou um sentido negativo aos gatos, desprezados pelo povo. Os gatos, e igualmente as bruxas, eram brutalmente perseguidos e queimados na fogueira, exercendo influência até hoje. Do mesmo modo, no budismo da civilização oriental, de um lado, os budistas reverenciam mesmo os gatos por sua sabedoria e capacidade de concentração, que são consideradas correspondentes à meditação espiritual do

budismo. Todavia, pela divulgação do mito que o gato e a serpente não se comoveram com a morte de Buda, alterou-se a imagem do gato para um animal frígido e dissimulado.<sup>17</sup>

Na verdade, os provérbios portugueses com gatos revelam mais a sabedoria do mundo, incluindo provérbios muito populares como *à noite, todos os gatos são pardos* e *gato escaldado de água fria tem medo*. Estão também sempre presentes acompanhando outras duas figuras: o rato e o cão; por exemplo, *para o rato, o gato é um leão; não cria cão nem gato aquele que é velhaco* etc. Os exemplos referidos podem confirmar como funcionam os gatos nos provérbios portugueses e apresentam-nos os sentidos neles revelados. Como sabemos, os gatos presentes junto aos ratos é por causa da ideia de que os gatos caçam os ratos, determinando um relação íntima mas também inimiga entre eles. No caso dos cães junto aos gatos, como dissemos anteriormente, os dois refletem os estados semelhantes, por isso, acontece sempre o tipo de utilização comparativa, como *quem não tem cão caça com gato*.

No que respeita à simbologia do gato na cultura chinesa, de uma forma geral, ele é considerado um animal fraco e mole, representando mais figuras pejorativas do que positivas, por exemplo, um provérbio chinês muito conhecido:

CH: 猫哭耗子

PY: mǎo kū hào zi

TL: O gato chora pela (morte) do rato.

PT: as lágrimas de crocodilo

significa que é mefistofélico, como as lágrimas de crocodilo, revelando um tipo de simpatia falsa e mentirosa. Num ensaio intitulado *Cães, Gatos e Ratos* de Lu Xun<sup>18</sup>, o gato representa um determinado tipo de pessoas. Através da descrição de características e comportamentos de gatos e ratos, o autor mostrou o seu desagrado para com o gato. Acha que o gato brinca com animais mais fracos do que ele, e quando já não se interessam por eles,

---

<sup>17</sup> As informações são de um bloque que fala sobre a relação entre o gato e o budismo, refletindo o mito asiático, mais especificamente, no caso da China, algumas pessoas acham que o mito também constitui uma das razões explicando porque o gato não foi escolhido como um dos doze signos chineses.

Extraído de: <https://tieba.baidu.com/p/2095808027>

<sup>18</sup> *Cães, gatos e ratos* 《狗·猫·鼠 gǒu·māo·shǔ》 foi escrito em 1926 por Lu Xun, um dos maiores escritores da literatura moderna chinesa, em que o ser humano é analisado, associando-o a características destes três animais.

comem-nos. Uma pessoa com esta característica do gato aproveita defeitos ou fraquezas do outro, fazendo-o sofrer lentamente para o próprio prazer, o que, claramente, constitui um ato imoral.

### **Galinha/ galo**

Segundo o dicionário de símbolos, a galinha/o galo apresenta uma imagem positiva geralmente, notada assim:

“O galo simboliza o orgulho, sobretudo pela sua pose. Universalmente, o galo é um símbolo solar e um comunicador, pois anuncia o nascer do sol. No oriente, o galo possui um simbolismo muito positivo associado à virtude da coragem, ao bom augúrio. A simbologia do galo é associada também à bondade e à segurança.” ( Dicionário de símbolos, 2008)

Com efeito, o galo sempre assume a representação do orgulho e justiça em Portugal, mas a sua presença nos provérbios, em vez de aproveitar esses sentidos, reflete mais as suas funções físicas, ou seja, esses provérbios são relativamente simples porque não há tantas metáforas condidas nessa imagem.

Como já dissemos anteriormente, o galo é considerado o animal que pode representar Portugal. Por curiosidade, este animal também representa a China porque o contorno do território chinês no mapa se assemelha a um galo. No nível ideológico, os chineses sentem orgulho por esse “galo”, pois é o seu país, a sua origem. De outro lado, o galo como um dos signos chineses, é associado a muitas expectativas boas e felicidades e, em algumas análises caracterológicas, normalmente, consideramos que as pessoas deste signo são gentis, amáveis, astutos, perspicazes, engenhosos, perfeccionistas, bons conversadores, embora possam ter por vezes temperamento instável, ser indecisos e dar muita importância à aparência. O ano 2017 é o Ano do Galo, como 鸡 jī (galináceo) tem a pronúncia semelhante a 吉 jí (felicidade / sorte), fazendo um jogo de palavras, os chineses trocam o “吉 jí (felicidade / sorte)” pelo “鸡 jī (galináceo)” em saudações para desejar boa sorte e felicidade.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Por exemplo, em vez de 吉祥如意 jí xiáng rú yì (Que tudo corra como deseja.), usa-se 鸡祥如意 jī xiáng rú yì, o 吉 jí (felicidade / sorte) é substituído pelo “鸡 jī (galináceo)”.

Contudo, por outro lado, o galo em provérbios chineses também se pode relacionar com confusão, destruição ou fraqueza, tal como verificamos nos seguintes exemplos:

CH: 鸡犬不宁

PY: jī quǎn bù níng

TL: Galos e cães não têm sossego.

PT: Há tanta agitação e confusão que nem os galos e cães conseguem ter sossego.

e

CH: 手无缚鸡之力

PY: shǒu wú fù jī zhī lì

TL: As mãos não têm força para prender um galo.

PT: Mãos tão fracas que nem têm força para prender um galo.

## Burro

No caso dos burros, sabemos que a própria palavra tem o significado de estúpido, além disso, a sua característica teimosa empresta o simbolismo à figura. Contudo, os burros normalmente são considerados animais que trabalham muito mas falam pouco, sendo sempre silenciosos. Segundo o dicionário de símbolos, o onagro, como um tipo de burro selvagem, é considerado o símbolo do homem selvagem, como afirmado em:

“É o símbolo do homem selvagem, difícil de ser dominado por causa de seu temperamento. É frequentemente confundido com o burro selvagem pois, ao contrário da maior parte dos equídeos, não são domesticados.....as características de obstinação e teimosia que tornam o homem agressivo. Em virtude disso, a figura masculina representa a força bruta, de modo que o seu símbolo é conhecido como o símbolo de Marte-deus da guerra sangrenta.....” (Dicionário de símbolos, 2008)

No caso cristão, o burro apresenta uma figura de condescendência, sofrimento e pobreza; contudo, na mitologia indiana, o burro também simboliza o diabo<sup>20</sup>, mas esse simbolismo já não é conhecido hoje em dia.

---

<sup>20</sup> A ideia revela num bloco com uma fonte de: [http://blog.sina.com.cn/s/blog\\_720996340102vd2m.html](http://blog.sina.com.cn/s/blog_720996340102vd2m.html)

Geralmente, o simbolismo dos burros é relativamente limitado, mas a figura está frequentemente presente nos provérbios, quer os portugueses, quer os chineses. E a sua utilização nos provérbios concentra nos sentidos referidos anteriormente. Há muitos provérbios populares na vida cotidiana, como: *a pensar morreu um burro, burro velho não aprende línguas* e etc.

No caso semelhante na China, temos o provérbio:

CH: 骑驴找驴

PY: qí lú zhǎo lú

PT: procurar o burro montado nele

O provérbio é usado quando alguém procura uma coisa que tem nas mãos ou que está ao seu alcance, sem se aperceber disso, aqui é também é um exemplo de ser burro e estúpido.

### **Ovelha/Carneiro/Cordeiro**

Sobre esta figura de animal, sabemos que a sua característica dócil a marca. No contexto da cultura ocidental, enquanto a cabra simboliza a tenacidade, a ovelha apresenta a fraqueza; e correspondentemente, a cabra é considerada a resistência e traição, e a ovelha uma figura de condescendência na cultura judaica. Nesse contexto, a figura cabra tem um sentido de mulher promíscua em Portugal. E ao ponto de partida que falamos principalmente neste trabalho, a língua reflete a metaforização dos animais em expressões mais ou menos longas em que a metáfora está patente. Como exemplos de expressões em língua portuguesa sobre a figura do cordeiro e ovelha, encontramos: *manso como um cordeiro*, e *ser a ovelha negra* (num grupo).

Do mesmo modo, em chinês, acontece frequentemente a metaforização dos nomes de animais. A presença das figuras animais na língua adiciona animação e vivacidade de expressão. Pela influência dos pensamentos tradicionais da China, o gado caprino<sup>21</sup> é considerado uma figura de sorte devido à semelhança na pronúncia entre 羊 yáng (caprino) e 祥 xiáng (sorte, prosperidade) Aqui, damos mais um exemplo:

---

<sup>21</sup> Em Chinês usa-se mais nomes genéricos, diz-se simples “gado caprino” e não se especifica se são cabra, ovelha, carneiro, bode, etc.

CH: 三羊开泰

PY: sān yáng kāi tài

PT: Três carneiros trazem a sorte.

Esta expressão idiomática é usada no ano novo chinês para desejar boa sorte, sendo a sua forma original 三阳开泰 sān yáng kāi tài (Três *yang* trazem a sorte). De acordo a teoria *Yin-yang*<sup>22</sup>, 三阳 sān yáng (três *yang*) é o início do ano, literalmente refere as três épocas positivas *yang* em que a natureza se prepara para renascer.<sup>23</sup> O carácter 阳 yáng (*yang*) muitas vezes é substituído pelo 羊 yáng (caprino) por causa do som igual.

O gado caprino também pode representar alguém que trabalha muito, mas com um destino triste e amargo. De acordo com o horóscopo chinês, as pessoas do signo de cabra, especialmente as mulheres, podem não ter muita sorte na vida. Apesar de fazer parte da crenças antigas sem fundamento científico, esta teoria conserva a sua popularidade em muitas zonas rurais chinesas pouco desenvolvidas.

---

<sup>22</sup> A teoria *Yin-yang* defende a dualidade do universo, em que o *yin* é o princípio feminino, a lua, o escuridão, a passividade e o lado negativo, enquanto o *yang* é o princípio masculino, o sol, a luz, a atividade e o lado positivo.

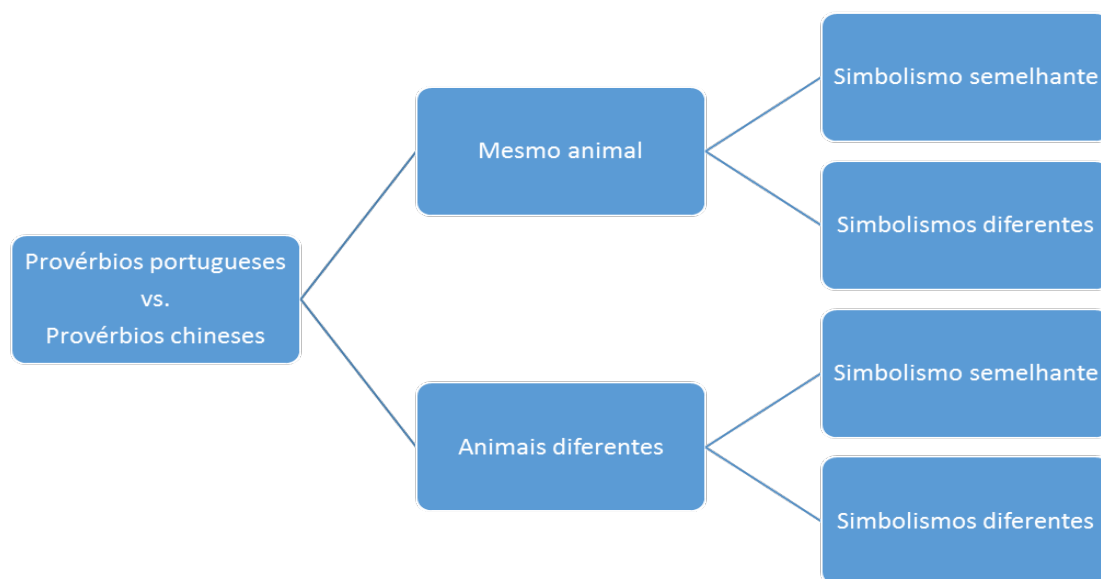
<sup>23</sup> As três épocas são: o solstício do inverno, a partir do qual os dias começam a ficar maiores, o primeiro mês e o segundo mês depois dele de acordo com o calendário chinês. No segundo mês, ocorre o ano novo chinês que celebra a chegada da primavera.



### CAPÍTULO 3. ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES

Neste capítulo, apresentamos uma das partes mais importantes do presente trabalho. A fim de fazer uma comparação mais concisa e fácil de entender, estendemos as análises aos pontos que a seguir se expõem. Começamos por fazer uma correspondência entre os provérbios da língua portuguesa e da língua chinesa, ilustrando com exemplos e apurando as características comuns e divergentes, para chegar ao objetivo de estudar e entender os provérbios da área semântica dos nomes de animais nas duas línguas.

Vamos apresentar uma comparação entre os simbolismos veiculados pelos animais mais escolhidos em cada caso. As possibilidades combinatórias destas comparações encontram-se resumidas na figura 2 abaixo.



**Figura 2** – Esquema da comparação entre provérbios portugueses e chineses  
Fonte da imagem: elaboração própria.

Seguidamente, apresentaremos exemplos das situações patentes na figura 2. Não serão, no entanto, analisados exemplos da última situação, pois, nesse caso, não há nenhum ponto de contacto, sendo óbvio que animais diferentes transmitam significados diferentes.

### 3.1. MESMO SIMBOLISMO APRESENTADO NOS PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES COM OS MESMOS ANIMAIS

A existência de provérbios com os mesmos nomes de animais veiculando os mesmos simbolismos é uma situação que evidencia um ponto de contacto entre as duas culturas. Encontram-se, de facto, provérbios nas duas línguas em que os nomes dos animais neles constantes metaforizam as mesmas realidades.

Provérbios portugueses	Provérbios chineses
<i>Quem foi mordido pela cobra tem medo até da minhoca.</i>	CH: 一朝被蛇咬，十年怕井绳。 PY: Yì zhāo bèi shé yǎo, shí nián pà jǐngshéng. PT: Quem um dia foi mordido por uma serpente, durante dez anos tem medo da corda.
<i>A formiga, ainda que pequena, mata o crocodilo.</i>	CH: 蝼蚁之穴能溃千里之堤。 PY: Lóu yǐ zhī xué néng kuì qiān lǐ zhī dī. PT: O buraco das formigas pode aluir o dique gigante.
<i>Filho do rato foge para o palheiro.</i>	CH: 老鼠的儿子会打洞。 PY: Lǎo shǔ de érzi huì dǎ dòng. PT: O filho do rato sabe socavar.
<i>Pelo cão se respeita o patrão.</i>	CH: 打狗看主人。 PY: Dǎ gǒu kàn zhǔrén. PT: Antes de bater o cão, olha o seu patrão.

**Quadro 4** – Exemplos de provérbios portugueses e chineses com o mesmo simbolismo no mesmo animal

No primeiro exemplo do quadro 4, verificamos que ambos os provérbios transmitem

o mesmo sentido, ou seja, aquele que uma vez que foi ferido por alguma coisa, tem medo até de coisas semelhantes ainda que inofensivas. Embora existam muitos provérbios e expressões idiomáticas semelhantes entre o chinês e o português, parece-nos ser muito raro que, tal como acontece no caso dos exemplos referidos, os dois provérbios abranjam a mesma figura animal principal, a “cobra”, com o mesmo comportamento, morder, até produzindo o mesmo resultado, que é “tem medo”. A única diferença constitui o objeto final, sendo a “minhoca” na forma portuguesa, mas a corda no caso do chinês. Contudo, verificamos ainda que se trata de dois objetos diferentes da cobra, mas de configurações físicas semelhantes, a forma alongada, importante por causa do sentido que os provérbios transmitem.

O segundo exemplo quer dizer que às vezes, as coisas pequenas podem destruir as gigantes. A formiga, é considerada como o símbolo dos objetos fracos e pequeninos, quer em Portugal, quer na China. Mas, no que respeita aos outros elementos na frase, o provérbio português usa o crocodilo como o objeto gigante, e em chinês, escolhe-se o dique para simbolizar uma coisa poderosa que é difícil de destruir; contudo, é desfeita mesmo pela formiga, essa figura pequenina. Podemos, mais uma vez, verificar que os provérbios abordam questões reais da vida social.

No terceiro exemplo, o provérbio chinês é também usado na secção 3.3, mas como existe uma outra forma proverbial com esse mesmo sentido em português, propomo-lo como exemplo nesta secção mais uma vez. Então, nesse caso, o português e o chinês ambos utilizam a figura do rato, mas apresentam movimentos diferentes, um é a fugir para o palheiro, e outro é a socavar, mas, basicamente, ambos constituem atividades instintivas, transmitindo um sentido figurado semelhante – os filhos seguem os mesmos instintos dos pais – agora transmitido pelo mesmo animal (rato).

O quarto exemplo transmite o sentido de que quando alguém quer bater num cão, tem de conhecer a capacidade do seu patrão, principalmente se o patrão é poderoso como uma figura enorme. Então talvez essa pessoa não vá bater no cão. Ou seja, a capacidade e a situação do patrão determinam se os seus inferiores são respeitados ou não. Os dois provérbios contêm as mesmas figuras, o cão e o seu patrão, mas as figuras realizam a ligação pelos comportamentos diferentes.

### 3.2. PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES COM OS MESMOS NOMES DE ANIMAIS MAS SIGNIFICADOS DIFERENTES

Nesta secção, escolhemos os seguintes exemplos, os quais confundem sempre as pessoas que conhecem as duas línguas, pois, quando encontram um dos provérbios, português ou chinês, recordam possivelmente o outro correspondente porque aparecem as mesmas figuras de animal. Mas, na verdade, os dois que são recordados em conjunto transmitem significados diferentes. De certo modo, trata-se de um efeito semelhante ao fenómeno linguístico dos “falsos amigos”.

Provérbios portugueses	Provérbios chineses
<i>Em boca fechada não entra mosca.</i>	CH: 苍蝇不叮无缝蛋。 PY: Cāngyíng bù dīng wú fèng dàn. PT: A mosca não morde o ovo sem casca rachada.
<i>Boi velho gosta de erva tenra.</i>	CH: 老牛吃嫩草。 PY: Lǎo niú chī nèn cǎo. PT: O boi velho come as ervas ternas.

**Quadro 5**– Exemplos de provérbios portugueses e chineses os mesmos animais e significados diferentes

Trata-se de um tema muito interessante nesta secção, porque os significados literais da palavra nos dois provérbios parecem iguais, mas de facto, transmitem sentidos completamente diferentes.

No primeiro exemplo, o provérbio português *Em boca fechada não entra mosca*, significa que “em certas ocasiões é mais prudente manter o silêncio para evitar consequências desagradáveis”<sup>24</sup> Contudo, o caso correspondente em chinês, significa: Nada acontece por

<sup>24</sup> Ver: [https://pt.wiktionary.org/wiki/em\\_boca\\_fechada\\_n%C3%A3o\\_entra\\_mosca](https://pt.wiktionary.org/wiki/em_boca_fechada_n%C3%A3o_entra_mosca)

acaso, nada acontece apenas por acontecer. As coisas más acontecem sempre por uma razão. O significado desta frase é geralmente depreciativo.

O provérbio português do segundo exemplo constitui um provérbio pouco usado hoje em dia em Portugal<sup>25</sup>. Mesmo assim, encontramos uma passagem com uma referência a esse provérbio:

O provérbio pode explicar aquilo que faz únicos os sabores e a qualidade das carnes do gado de pasto e trabalho. No contexto de sofisticação e celebração do Vinum ou no ambiente natural da montanha, é tempo de as saborear<sup>26</sup>.

Através da descrição acima, podemos ver que a “explicação” só tira o sentido literal do provérbio, mas uma vez que seja dito assim, podemos considerar que o provérbio aqui tem a função de expressar que os produtos de boa qualidade provêm de grandes investimentos. Contudo, coincidentemente, existe também um provérbio chinês que tem o mesmo sentido literal desse provérbio português, mas o significado real do provérbio chinês é completamente diferente. Os chineses usam o provérbio para dizer que quando alguém namora ou se casa com uma pessoa muito mais nova do que ele, dizemos: 老牛吃嫩草 (O boi velho come as ervas ternas). O provérbio tem o sentido pejorativo e irónico. Tradicionalmente na China, a relação entre duas pessoas com grande diferença da idade é vista como algo que se estabelece com base no dinheiro ou no poder, por isso, o provérbio continua a ser popular na comunicação oral entre o povo chinês, distinguindo-se do caso correspondente em Portugal.

### 3.3. MESMO SIMBOLISMO APRESENTADO NOS PROVÉRBIOS PORTUGUESES E CHINESES COM ANIMAIS DIFERENTES

Neste caso, como a condição limitativa da escolha é mais larga, encontrámos mais

---

<sup>25</sup> Porque durante o processo de pesquisa pela sua definição, perguntámos alguns portugueses locais, mas eles também não sabiam o que significava; até alguns deles disseram que nunca o tinham ouvido. E depois, tentamos resolver o seu significado de outra maneira, encontramos-lo no título de um anúncio, numa página web sobre restaurantes.

<sup>26</sup> ver: [http://fugas.publico.pt/RestaurantesEBares/342452\\_boi-velho-gosta-de-erva-tenra](http://fugas.publico.pt/RestaurantesEBares/342452_boi-velho-gosta-de-erva-tenra)

exemplos ilustrativos desta combinatória.

<b>Provérbios portugueses</b>	<b>Provérbios chineses</b>
<i>Filho de peixe sabe nadar.</i>	CH: 老鼠的儿子会打洞。 PY: Lǎoshǔ de érzi huì dǎ dòng. PT: Filho do rato sabe socavar.
<i>Filho de burro não pode ser cavalo.</i>	CH: 虎父无犬子。 PY: Hǔ fù wú quǎn zǐ. PT: O pai tigre não tem o filho cão (ou o filho do tigre não pode ser o cão).
<i>Quem ama Beltrão, ama o seu cão.</i>	CH: 爱屋及乌 PY: ài wū jí wū PT: O amor por uma casa estende-se até mesmo aos corvos do seu telhado.
<i>Triste do rato que não conhece mais do que um buraco.</i>	CH: 井底之蛙 PY: jǐng dǐ zhī wā PT: uma rã que vive no fundo de um poço
<i>Nunca de corvo bom ovo.</i>	CH: 狗嘴里吐不出象牙。 PY: Gǒu zuǐ lǐ tǔ bù chū xiàng yá. PT: Da boca do cão nunca saem os dentes dos elefantes.
<i>Faz de uma pulga um cavaleiro armado.</i>	CH: 杀鸡焉用牛刀。 PY: Shā jī yān yòng niú dāo. PT: Para matar o galo, não precisas de usar a faca que mata o boi.
<i>Em todos os rebanhos há uma ovelha negra.</i>	CH: 害群之马 PY: hài qún zhī mǎ PT: um cavalo que danifica todo o rebanho
<i>Grão e grão enche a galinha o papo.</i>	CH: 集腋成裘 PY: jí yè chéng qiú PT: Juntam-se pedaços dos pêlos do sôco (das raposas) para fazer um vison.

**Quadro 6** – Exemplos de provérbios portugueses e chineses com o mesmo simbolismo em animais diferentes

Como se encontra refletindo no quadro 6, no primeiro exemplo, ambos os provérbios passam o sentido de que “quem sai aos seus, não degenera, com o sentido de alguém que dá

continuidade aos princípios, valores ou até à profissão dos seus pais”. (In: <https://observalinguaportuguesa.org/filho-de-peixe-sabe-nadar/>). Em português existe um outro provérbio – *Tal pai, tal filho* – que, à primeira vista apresenta o mesmo sentido de *Filho de peixe, sabe nadar*. No entanto, uma análise mais aprofundada revela diferenças, como aponta o mesmo artigo:

“A primeira está associada a parecenças físicas e psicológicas e a segunda com transmissão ou herança de conhecimentos ou qualificações. Tal pai, tal filho está a realçar o facto de os filhos serem muito parecidos, física ou psicologicamente, com os seus pais e por extensão quer dizer que pais e filhos apresentam características físicas ou têm personalidades muito semelhantes. Quando nos estamos a referir a parecenças físicas muito marcadas, também usamos a expressão ser a cara chapada de alguém.....Filho de peixe, sabe nadar está geralmente mais associado a uma determinada capacidade que é herdada de pai para filho. É também nessa linha de pensamento que dizemos quem sai aos seus, não degenera com o sentido de alguém que dá continuidade aos princípios, valores ou até à profissão dos seus pais. Mesmo não existindo nenhuma correlação, esperamos muitas vezes que o filho de um serralheiro saiba arranjar fechaduras ou a filha de uma cantora, saiba cantar e por isso dizemos que filho de peixe, sabe nadar.”

E acrescenta ainda:

“Antigamente, era frequente os filhos seguirem as pegadas dos seus pais, isto é a mesma profissão ou caminhos idênticos aos seus progenitores e talvez seja por isso que extrapolamos a transmissão de pai para filho de uma qualidade ou competência.” (Observatório da Língua Portuguesa, 2016)

Através da análise acima, ficam detalhadamente explicados os sentidos de cada provérbio e as origens da sua formação, oriunda do costume e realidade social antiga de os filhos sucederem às capacidades dos pais.

O segundo provérbio apresentado no quadro 6, na verdade, tem um significado e funções semelhantes ao primeiro exemplo, mas revela figuras animais diferentes: o burro e o cavalo, no caso português, e o tigre e o cão, no caso chinês. Além disso, expressam emoções distintas. Tal como vimos na parte teórica que os mapeamentos metafóricos podem realizar-se entre quaisquer graus na escala dos seres, num “sentido ascendente” ou um “sentido descendente”, verificamos que estes provérbios indicam direções opostas: o filho

não pode ser superior ao pai (provérbio português) vs. o filho não pode ser inferior ao pai (provérbio chinês). Estas direccionalidades opostas ocorrem porque, por um lado, o burro ocupa um lugar inferior ao cavalo e, por essa razão, achamos que o provérbio português tem um sentido pejorativo, ou seja, se o pai é um homem de grande mediocridade, o seu filho não pode ser uma pessoa com o espírito superior. Portanto, neste provérbio, encontra-se um “sentido descendente”. No caso chinês, verifica-se a direccionalidade contrária, num “sentido ascendente”, e o provérbio tem um sentido apreciativo. Antes de tudo, o tigre é um animal adorado pelo povo chinês, também é símbolo do poder e capacidade. O pai tigre, indicado a pessoa (o pai) de alta capacidade e forte; e o cão, tendo múltiplos simbolismos, em todo o caso, desempenha um papel inferior ao tigre. Por isso, usa-se o provérbio para admirar o filho de alguém, e ao mesmo tempo, expressar a homologação e o apreço por essa pessoa (ou o pai) também.

No terceiro exemplo apresentado no quadro 6, quer o provérbio português, quer o chinês, significam que se ama alguém, ama-se até mesmo as coisas a ele referentes. Enquanto em português é usada a figura animal do cão, em chinês, a figura animal é a do corvo. A título de comparação, refira-se que a figura animal do corvo em chinês passa um sentido mais forte, porque o corvo, no contexto da tradição chinesa, é considerado um animal infeliz e não adorado pelo povo chinês. Assim, acrescenta uma emoção mais forte ao provérbio, pois, até as coisas com sintomas nefastos são amadas, ou seja, o amor é tal que leva a aceitar tudo de uma pessoa, as coisas boas e as más. E no caso do português, o cão apresenta um objeto normal ligado a uma pessoa, não tem tendência para o mau sentimento nem para o bom, por isso, achamos que a entoação e a emoção dos provérbios distinguem os dois: o provérbio chinês assume um sentido mais forte, ou seja, o amor mais profundo.

O quarto exemplo transmite o sentido de que as pessoas ou os objetos que sempre ficam numa determinada área, e dela não saem, assim os seus conhecimentos são limitados, o que sabem são sempre mesmas coisas, vivendo um tipo da vida com falta de inovações. Os provérbios usam a expressão metafórica: o provérbio português aproveita o rato e refere o ambiente que este vive; no caso do chinês, aparece a rã. Mas, embora utilizem figuras diferentes, revelando assuntos distintos, têm a mesma função, pois estimulam as pessoas a conhecer mais sobre as coisas novas, abrindo a visão para o mundo, não se colocando num



lugar fechado. A história do provérbio chinês foi recolhida uma coletânea de textos filosóficos<sup>27</sup>:

uma rã que vivia no fundo de um poço estava satisfeita e feliz com a vida. Um dia, encontrou uma tartaruga do mar que lhe falou sobre a grandeza do oceano e o mundo fora do poço. A rã então percebeu a limitação da sua vida.

A seguir, temos outro exemplo que significa, de uma má fonte não é possível saírem produtos bons. Neste exemplo, o provérbio português já não é muito conhecido atualmente em Portugal. No entanto, “*Da boca do cão nunca saem os dentes dos elefantes*” ainda é de uso popular na China quando se refere a alguém que só diz coisas desagradáveis. De facto, como sabemos, os provérbios podem integrar enunciados escritos e orais, e desse ponto de vista, este provérbio chinês é muito utilizado na oralidade, que confirma o seu valor linguístico, e a importância como um dito popular presente na comunicação.

No caso do sexto exemplo do quadro 6, aparentemente os dois provérbios tem o mesmo sentido: para fazer uma coisa pequena, não é preciso tanto esforço. Contudo, analisando melhor, o provérbio *Faz de uma pulga um cavaleiro armado* veicula ainda o sentido de que uma coisa que se faz com as ferramentas erradas nunca estará bem feita. Na verdade, o caso português e o caso chinês usam formas de frase contrárias, pois um está na forma afirmativa e o outro é da forma negativa, embora chegando ao mesmo destino.

No último exemplo do mesmo quadro, encontramos o caso mais complicado até agora: os dois provérbios em português e chinês não expressam sentidos completamente iguais, mas, em alguns casos determinados, têm as mesmas funções. Na verdade, o provérbio português, ou melhor dizendo, a expressão idiomática nele inserida “uma ovelha negra”, inicialmente, indica especificamente um tipo de sentido diferente, ou seja, dentro um rebanho das ovelhas, a maior parte delas são exatamente brancas, mas também tem de existir as exceções, as ovelhas negras, cujo sentido literal é neutro, não apreciativo nem pejorativo. Sobre esse sentido, a expressão “a ovelha negra” é objeto da seguinte reflexão:

---

<sup>27</sup> A história de *uma rã que vive no fundo de um poço*, tem uma origem de *Chuang-Tzu*, nomeada pelo seu autor Chuang-Tzu.

“Vivemos em uma sociedade que critica o diferente, na qual estamos acostumados a pensar como os demais, a sermos ovelhas brancas. Pensamos e acreditamos no que nos metem na cabeça, sem reorganizar os nossos pensamentos em muitos casos, porque tomamos como verdade a opinião da maioria. Não queremos ser “ovelhas negras”.<sup>28</sup>

No exemplo, podemos ver, obviamente, “a ovelha negra” refletindo só um sentido de diferente, nenhuma tendência se revela, sendo as influências e as pressões sociais que adicionam um sentido negativo às minorias de um rebanho, ou seja, às ovelhas negras do rebanho. Assim, ao longo da evolução do provérbio, pela influência sociocognitiva, a expressão “uma ovelha negra” revela uma tendência para considerar que as exceções são frequentemente más. Para efeitos de atestar essa mudança no sentido emocional, aproveitamos uma notícia da rubrica sociedade, incluindo a crítica a um vídeo que:

“ mostra duas adolescentes a agredirem um rapaz de 17 anos, numa rua da Figueira da Foz durante cerca de 13 minutos, em julho de 2014, perante a passividade de outros jovens, foi divulgado na rede social Facebook na terça-feira e tornou-se viral, contando, em três dias, com mais de 3,2 milhões de visualizações”.<sup>29</sup>

Nessa notícia, aparece o provérbio do último exemplo, citado assim:

“ Mas por muito que façamos e as escolas fazem muito (...), em todos os rebanhos há sempre ovelhas negras, há sempre pessoas dispostas a fazer o mal", considerou.”(Idem).

Nesta frase crítica, obviamente o provérbio já revela um sentido pejorativo.

Achamos que vale a pena a discutir este provérbio, porque hoje em dia, há cada mais pensadores que criam ideias novas. Alguns abordam mesmo o tema do racismo com essa expressão, integrando o seu sentido original, a distinção da ovelha negra, e fazem uma reflexão sobre o tema do racismo, da qual resulta o pensamento do povo, revelado na forma de conto:

---

<sup>28</sup> In: <https://amenteemaravilhosa.com.br/ovelha-negra-rebanho-ovelhas-brancas/>

<sup>29</sup> In: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/figueira-da-foz/bullying-em-todos-os-rebanhos-ha-sempre-ovelhas-negras>

“ Era uma vez uma ovelha negra. Todas as outras ovelhas do rebanho eram brancas e andavam sempre a insultá-la. Diziam:/ -Afasta-te de nós, não és normal./ Quem mais a insultava era Belinda, a líder do rebanho que era forte e vaidosa. Esta, um dia decidiu viajar para conhecer o mundo. Um dia, encontrou um rebanho onde todas as ovelhas eram negras. [...] Mais adiante viu um rebanho [...] composto por ovelhas negras, ovelhas castanhas, ovelhas sarapintadas e até ovelhas metade brancas e metade negras.[...] Elas disseram-lhe:/ - Fica connosco [...] Aqui todas as ovelhas são bem vindas./ Belinda ficou naquele rebanho durante dois dias. Antes de se despedir, disse:/ -Sois o mais belo rebanho do mundo. No nosso, apenas temos uma ovelha negra. / *Ninguém se atreve a afirmar que é racista. Contudo, falta converter os corações à aceitação do estrangeiro negro.*”<sup>30</sup>  
(Pedrosa Ferreira, 2017)

Contudo, no caso do provérbio chinês desse exemplo, ele não reflete nenhum sentido ligado ao tema do racismo. Refere-se a um elemento de uma equipa que atrasa o trabalho de todo o grupo, quer dizer, aquele que tem má influência sobre o conjunto. Neste caso, o cavalo não revela sentido depreciativo ou apreciativo, o significado negativo do provérbio é veiculado pelo sentido de “danificar”.

Assim, dados os exemplos de provérbios acima apresentados, afirmamos que existem provérbios correspondentes com mesmos sentidos, só se distinguindo nas figuras animais que usam, como referimos antes na parte teórica, diferença resultante dos costumes específicos e os pensamentos do povo português e do chinês.

### 3.4. ALGUNS PROVÉRBIOS COM NOMES ANIMAIS POPULARES EM PORTUGAL CORRESPONDENTES A PROVÉRBIOS CHINESES SEM NOMES DE ANIMAIS

Pelo motivo de a nossa dissertação abranger principalmente os provérbios portugueses, como refletem os conteúdos anteriores, avançamos o nosso estudo baseando-nos nos provérbios portugueses, e encontrando os provérbios correspondentes em chinês. Assim, durante o processo, juntamos ainda alguns provérbios portugueses populares com nomes de animais que têm os correspondentes em chinês, mas esses provérbios chineses não ex-

---

<sup>30</sup> In: [https://books.google.pt/books?id=v\\_z-DQAAQBAJ&pg=PT106&lpg=PT106&dq=Em+todos+os+rebanhos+h%C3%A1+uma+ovelha+negra.&source=bl&ots=I2PRUVpq-a&sig=aeTg4siEe70mY9w-1z5rIKZ35j0&hl=zh-CN&sa=X&ved=0ahUKewj2jerdspTAAhVF2xoKHUzSCn0Q6AEISzAH#v=onepage&q=Em%20todos%20os%20rebanhos%20h%C3%A1%20uma%20ovelha%20negra.&f=false](https://books.google.pt/books?id=v_z-DQAAQBAJ&pg=PT106&lpg=PT106&dq=Em+todos+os+rebanhos+h%C3%A1+uma+ovelha+negra.&source=bl&ots=I2PRUVpq-a&sig=aeTg4siEe70mY9w-1z5rIKZ35j0&hl=zh-CN&sa=X&ved=0ahUKewj2jerdspTAAhVF2xoKHUzSCn0Q6AEISzAH#v=onepage&q=Em%20todos%20os%20rebanhos%20h%C3%A1%20uma%20ovelha%20negra.&f=false)

pressam os sentidos por nomes de animais. Esperamos que depois de adicionar esta parte, se possa melhor sistematizar a comparação entre os provérbios das duas línguas.

Provérbios portugueses	Provérbios chineses	O simbolismo dos provérbios
<i>O macaco ri-se do rabo da macaca/ Macaco olha teu rabo.</i>	CH: 五十步笑百步。 PY: Wǔshí bù xiào bǎi bù. PT: (A pessoa que foge ) cinquenta passos ri-se (da que foge ) cem passos.	Diz-se daqueles que não sabem os seus próprios escândalos mas riem-se dos outros.
<i>Burro velho não toma andadura; e se a toma, pouco dura.</i>	CH: 少壮不努力，老大徒伤悲。 PY: Shào zhuàng bù nǚ lì, lǎo dà tú shāng bēi. PT: Se alguém não se exerce na juventude, ele arrepender-se-á na velhice.	O provérbio é usado para estimular as pessoas a empenhar a diligência o mais cedo possível.
<i>Grão e grão enche a galinha o papo.</i>	CH: 聚沙成塔 PY: jù shā chéng tǎ PT: Juntam-se areias para fazer uma torre.	Diz que pouco a pouco se faz muito.
<i>De ruim ninho voa longe o passarinho.</i>	CH: 寒门出状元。 PY: Hán mén chū zhuàng yuán. PT: Da família pobre, sai o campeão.	Diz que no contexto das condições difíceis, muitas vezes se criam as grandes pessoas e coisas.

**Quadro 7** – Exemplos de provérbios portugueses e chineses com o mesmo sentido, com e sem nomes de animais

Como referimos já na parte anterior, à questão da tradução, sabemos que, como texto padronizado e espelhando a cultura de uma comunidade, a tradução do provérbio não poderá ser feita de uma forma literal, e concluímos o método mais equilibrado da tradução, sendo o segundo tipo de Bassenett (2013): “*Paráfrase*, ou tradução em sentido lato; o conceito ciceroniano de tradução do sentido”. Desse modo, abrangemos o nosso estudo da comparação com esta secção, em que os provérbios portugueses incluem nomes de animais, mas os seus correspondentes chineses não têm; os provérbios das duas línguas realizam-se as interpretações pelo sentido lato.

Estes casos podem fazer-nos refletir sobre formas mais adequadas de tradução.

### 3.5. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS PROVÉRBIOS DAS DUAS LÍNGUAS

Durante o estudo, percebemos alguns fenômenos muito comuns, sendo que, na área de uma determinada língua, os provérbios mais usados no dia-a-dia não são expressados somente de uma forma, mas transmitem o mesmo sentido, quer na área proverbial do português, quer do chinês. No caso do português, existem, por vezes, variantes do mesmo provérbio em que se revelam figuras de animais diferentes. Por exemplo, o provérbio *Bezerrinha mansa mama a sua teta e a alheia*, também aparece com a figura do borrego:

*Borreguinha mansa mama a sua teta e a alheia;*

*Cordeiro manso mama a sua teta e a alheia.*

Além disso, revelam-se expressões semelhantes com a figura *Bezerrinha*:

*Bezerrinha mansa em todas as vacas mama.*

Sobre esta questão, tentamos encontrar as causas e concluímos que a multiplicidade dos provérbios depende dos costumes dos povos que vivem nas diversas regiões. Os costumes resultantes das condições geográficas e do ambiente natural, decidem os seus pensamentos e os modos de receber os assuntos, ou melhor dizendo, o chamado “senso comum”. Contudo, ao senso comum, sabemos que como Amâncio citou no seu trabalho:

“ De acordo com Fletcher (1984), o senso comum é um corpo de crenças e conhecimentos culturais partilhados por um grupo ou comunidade acerca do funcionamento das pessoas e do mundo que as rodeia. Segundo Fletcher (1984), o senso comum pode ser analisado segundo as três perspectivas seguintes:

- O senso comum é constituído por um conjunto de crenças fundamentais sobre a natureza do mundo físico e social.
- O senso comum é constituído por um conjunto de máximas e provérbios que as pessoas partilham sobre o mundo físico e social.
- O senso comum é constituído por uma maneira comum de pensar sobre o mundo físico e social.” (1999)

Integrando essa reflexão, os provérbios originam o segundo tipo do senso comum, que se diferencia dos outros por ser menos universalista e é aceite de modo menos tácito, apresenta as crenças que incorporando guias ou orientações de comportamento. Por isso, “A maior parte porém apresentam um conhecimento demasiado genérico para servir de orientação em certas ocasiões específicas.” (Pinto, 1999) Assim, um provérbio, depois da realização pelas pessoas, mudado pelas experiências concluídas durante o processo de uso, deriva nas formas variáveis que vemos hoje em dia. Para apresentar e atestar esse fenómeno mais convincentemente, apresentamos mais dois grupos exemplares a seguir, que transmem os mesmos significados mas também com algumas diferenças:

- Quem do escorpião está picado, a sombra espanta;  
*quem foi mordido pela cobra tem medo até da minhoca;*  
*gato escaldado de água fria tem medo;*  
*gata a quem morde a cobra tem medo à corda;*  
*cão medroso até da sombra tem medo.*

- Filho de peixe sabe nadar;  
*filho de gata arranha;*  
*filho de gata ratos mata;*  
*filho do rato foge para o palheiro.*

- Vão-se os gatos, passeiam os ratos;  
*quando o gato sai, o rato faz a festa.*<sup>31</sup>

Em certa medida, os provérbios também refletem influências regionais, pois há muitos provérbios com nomes de lugar, como os nomes de algumas cidades ou províncias, nesse caso, encontramos os provérbios *Asno que a Roma vá, asno volta de lá*, e *Burro que vai a Santarém, burro vai e burro vem*; coincidentemente, o exemplo também revela o último fenómeno. Esse tipo de provérbios é popular no mundo proverbial das diferentes línguas; no caso do chinês, também existem, como:

CH: 蜀犬吠日  
PY: shǔ quǎn fèi rì  
TL: O cão de Sichuan ladra para o sol.

---

<sup>31</sup> Os exemplos são ordenados ao acaso, o primeiro de cada exemplo não significa que seja considerado o provérbio original.

PT: Estranha-se por algo comum por falta de conhecimento.

O provérbio, reflete a característica geográfica, porque tem origem nas condições climáticas da província de Sichuan. Como se lê numa análise e introdução à história do provérbio:

“A província de Sichuan.....situa-se no Sudoeste do país. O planalto de Yunan-Guizhou, a cordilheira de Da Ba e as montanhas de Wu, Qionglai e Emei formam, no Leste desta província, uma grande depressão pontilhada de colinas e cortada por rios e vales...—Estas características geográficas determinam uma abundante precipitação pluviométrica na região, já que, sendo cercada por altas montanhas por todos os lados, a referida depressão conserva a humidade, favorecendo a formação de nuvens e névoa.....O Sol é, por conseguinte, uma coisa rara na região Leste da província de Sichuan, e quando aparece os cães estranham e ladram para ele.” (Fan, 1997)

Hoje em dia, os chineses usam muito este provérbio com sentido pejorativo quando criticam alguém por mostrar estranheza perante aquilo que é absolutamente normal ou conhecido por todos. O provérbio também pode ser usado como ironia e brincadeira quando alguém reconhece a sua falta de conhecimento.

## **Conclusão**

De acordo com os objetivos definidos, pretendíamos nesta investigação, conhecer e analisar os provérbios com nomes de animais em Portugal e na China e, porque concluímos que os estudos já elaborados só pontualmente nos facultavam esclarecimentos pertinentes sobre a especificidade do texto proverbial, decidimos enveredar por um projeto de investigação suscetível de comparar os provérbios da língua portuguesa e língua chinesa. Através da pesquisa bibliográfica para que o nosso problema nos remetia, situámo-nos em dois campos de investigação:

- **As especialidades dos provérbios (com nomes de animais) da língua portuguesa e da língua chinesa.**
- **As ligações entre os provérbios da língua portuguesa e da língua chinesa (as diferenças e as semelhanças).**

A partir da definição do quadro conceptual no qual apoiámos o estudo, recolhemos informação sobre os provérbios com nomes de animais da língua portuguesa e da língua chinesa, o que nos permitiu analisar e refletir. O início da nossa dissertação já refletiu a primeira questão, incluindo o grande interesse da definição dos provérbios, a existência de outros fraseologismos que se distanciam do provérbio e se aproximam entre si. É difícil delimitar a diferença que existe entre provérbios e cada um dos outros termos mas, como a questão da definição não constitui o motivo principal nesse presente trabalho, acabámos por isso, adotando, um conceito apenas relativamente preciso e abrangente.

Antes de começar o nosso estudo, pressupusemos que os elementos zoomórficos têm uma importância fundamental nos provérbios, quer em Portugal, quer na China. E depois na dissertação, durante o processo de procura das razões pelas quais os nomes de animais fazem grande parte de todos os provérbios, confirmou-se mesmo a nossa suposição inicial, e assim desenvolvemos os assuntos a seguir.

Estudámos as características dos provérbios das duas línguas nos três aspetos: o fonológico, o sintático e o semântico, e chegamos às seguintes conclusões principais:



- O carácter de enunciado curto e as sonoridades, nos aspetos fonológicos, e a estrutura breve e concisa, nos aspetos sintáticos, caracterizam os provérbios. Aqui, no primeiro caso, destacamos a utilização de métrica, ritmo e rima e jogos sonoros como alterações e assonâncias, e, no caso do chinês, revelando-se particularmente o som das palavras e respetivas relações de paronímia ou homofonia; no último caso, encontram-se as alterações e inversões na ordem normal das palavras na frase, frequentemente ao serviço da construção da rima ou para focalizar determinando elementos frásicos.
- Os aspetos semânticos constituem o fator principal, decidindo da transmissão dos provérbios, pois refletem as influências originadas das culturas e histórias; e mais ainda nesse aspeto, a metáfora realizada para referir os seres humanos em termos de animais, num “sentido descendente” segundo a METÁFORA DA GRANDE CADEIA de Lafoff.

De modo teórico, analisámos em termos gerais as diferenças dos provérbios apresentados pelas duas línguas completamente diferentes, e concluímos:

- Nos aspetos estruturais, a formulação proverbial da língua portuguesa é relativamente simples e geralmente costuma corresponder a alguns padrões como: a) Tal X, tal Y: “*Tal pai, tal filho*”; b) X–mais, X–mais: “*Quanto mais limpo o papel, pior a mancha*” c) antes X [de] que Y: “*Antes tarde do que nunca*”. Contudo, em relação ao caso da língua chinesa, a formulação proverbial é mais multiforme e geralmente não costuma corresponder a padrões determinados, mas uma grande parte dos provérbios chineses são expressados, frequentemente, por uma espécie de uma forma correspondente, na chamada *Dui’ou* em chinês, que é uma maneira retórica, que especificamente existe na literatura chinesa, e é utilizada frequentemente nos poemas chineses, tendo de garantir ao mesmo tempo a estrutura par das orações, os sentidos semelhantes e relativos que transmitem e a métrica dos últimos caracteres.
- Uma das diferenças mais óbvias constitui a ausência de conjugação verbal na língua chinesa e, no caso do português, especificamente as diferentes nuances dadas pelas alterações dos tempos e modos, enquanto que os sentidos transmitidos pelo chinês são dependentes mais da utilização e escolha das palavras e dos significados delas, o que per-

mite subentender o tempo; os verbos que transmitem os modos diferentes são percebidos através das mudanças do contexto nas frases.

- Quanto aos temas, nos provérbios de Portugal, revelam-se, por vezes, algumas reflexões sobre a Bíblia, ou seja, o tema original da cultura religiosa; todavia, no caso da China, os provérbios são formados pela influência do Confucionismo e Taoísmo, os quais constituem as ideias e os pensamentos do povo chinês. Além disso, os fatores sociais, geográficos, históricos e mitológicos decidem os temas distintos nos provérbios das duas línguas.

Na secção das origens e desenvolvimentos dos provérbios em Portugal e na China, apesar das suas origens anónimas, exemplificámos alguns provérbios antigos que têm as suas respetivas mitologias e histórias. Em conclusão, em termos do seu desenvolvimento, os provérbios estão estreitamente relacionados com o desenvolvimento social, transmitindo os conhecimentos morais e conselhos ou juízos de valor, ao mesmo tempo que são reformados ao longo dos tempos, e alguns deles tornam-se cada vez mais profundos durante o processo de uso popular: há alguns significados que se amplificam durante a aplicação dos mesmos e os significados de alguns sofrem conversão entre o sentido negativo e o positivo.

Para aferir do poder de convicção e da popularidade dos nomes de animais, seleccionámos os cinco nomes de animais que surgem mais frequentemente nos provérbios em Portugal e na China. Em seguida, a partir dos animais escolhidos, analisámos o seu simbolismo para os falantes portugueses e chineses, respetivamente. Observámos que refletindo sobre os cinco nomes de animais diferentes nos casos do português e o chinês, chegámos ao resultado que prevíamos, as culturas portuguesa e chinesa são indubitavelmente diferentes. Contudo, por o cão ser escolhido em ambos casos, podemos ainda concluir que esses animais mais escolhidos são os que vivem proximamente aos seres humanos, daí a maior percentagem de animais da quinta, como o burro e a ovelha no caso de Portugal, o cavalo e a vaca no caso da China, e aves de criação, como a galinha. Já o cão e o gato, sendo animais domésticos de companhia, estão igualmente presentes na vida rural como auxiliares. Pelos estudos do simbolismo desses animais, explica-se o que leva a essa presença num género textual tradicional como o texto parémico, os simbolismos dos mesmos ani-

mais sendo diferentes nos contextos culturais de Portugal e da China, assim decidindo as várias metáforas de cada animal na utilização proverbial.

Portanto, salienta-se e confirma-se a necessidade de avaliar estes provérbios com nomes de animais nas duas línguas, no sentido de permitir aferir, num âmbito mais restrito, os sentidos reais e as figuras que têm e, num âmbito mais alargado, satisfazer a necessidade de compreensão das influências culturais na dimensão proverbial. Neste ponto, destacamos:

- Passando para a comparação dos provérbios das duas línguas, diremos que o *corpus* nos oferece exemplos de quatro tipos de relações correspondentes, que se encontram resumidas como: o mesmo animal apresenta simbolismos semelhantes e diferentes, e animais diferentes apresentam simbolismos semelhantes e diferentes; mas aqui optámos por não abordar a última situação, pois é óbvio que animais diferentes transmitam significados diferentes. As outras três possibilidades combinatórias foram analisadas, baseando-nos em exemplos adequados, e concluímos que o caso de mesmo simbolismo apresentado nos provérbios portugueses e chineses com os mesmos animais e o caso de mesmo simbolismo apresentado nos provérbios portugueses e chineses com animais diferentes são mais comuns com respeito às duas línguas.
- Dada a necessidade de interpretação, no nosso estudo, de provérbios chineses e portugueses nas duas línguas, nesse caso, não pudemos deixar de referir a teoria concernente à questão da tradução. Tomando como base os três métodos de tradução básicos e mais conhecidos que foram referidos já na parte teórica, utilizámos o segundo, Paráfrase, ou seja, a tradução em sentido lato. Como aqui no caso do texto proverbial, o mais importante é o simbolismo, tirámos, por fim, todas as traduções literais que tínhamos feito antes. Assim, nos exemplos utilizados no *corpus*, para compreender os significados reais desses provérbios chineses, apenas os explicámos em português com o sentido lato, em vez de com as suas traduções literais correspondentes.

Assim, ao longo deste trabalho, tentámos conhecer os provérbios com nomes de animais de Portugal e da China, pela forma comparativa, compreendendo bem e profun-

damente as duas línguas em alguns sentidos. Embora haja alguns aspetos que ficaram por explorar ou que apenas foram afluados, nomeadamente no campo da negação e das pressuposições, esperamos ter contribuído, com esta dissertação, para um entendimento mais completo das relações internas nos provérbios do caso das metáforas zoomórfica das duas línguas.

## Referências bibliográficas

- Bassnett, S. (2003). *Estudos de tradução. Fundamentos de uma disciplina*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Serviço de educação e bolsas.
- Cardoso, C. (2016). *Ninho de serpentes*. Extraído de: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/ninho-de-serpentes/>
- Coelho, J. (2011). *Hoje descobri...a origem de alguns ditados populares portugueses*. Extraído de: <http://internetparatodos.blogs.sapo.pt/806644.html>
- Coimbra, R. L. & Pereira Bendiha, U. (2004). Nem todas as cegonhas trazem bebés. In A. S. Silva, A. Torres & M. Gonçalves (Eds.). *Linguagem, Cultura e Cognição* (vol II, pp. 217-225). Coimbra: Almedina.
- Duarte, H. V. (2006). *Provérbios segundo José Saramago*. Lisboa: Colibri.
- Estanqueiro, A. (1996) *A Sabedoria dos Provérbios: As Pessoas e as Instituições nos Provérbios Portugueses*. Lisboa: Editorial Presença.)
- Fan, W. X. (1997). *Cem provérbios chineses*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Gomes, M. J. (1974). *Nova recolha de provérbios portugueses e outros lugares comuns portugueses*. Lisboa: Edições Afrodite.
- Helena, V. D. (2006). *Provérbios segundo José Saramago*. Lisboa: Edição Colibri / Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Jesus, I. T. & Miranda, N. S. (2003). Construções condicionais proverbiais: uma abordagem sóciocognitiva da questão da composicionalidade. *Veredas*, 7: 263-277.
- Lakoff, G. (1987). *Woman, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: Chicago University Press.
- Liu, M.L. (2012). *Provérbios e expressões idiomáticas em português e chinês*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Minho). Extraído de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24055/1/LIU%20Mengru.pdf>
- Lopes, A. C. M. (1992). *Texto Proverbial Português. Elementos para uma análise semântica e pragmática* (tese de doutoramento). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Mai, R. (2012). *Ensino de Chinês a Falantes de Português: o caso da Universidade de Aveiro*. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Mello, F. R. (1988). *Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses*. Lisboa: Edições Afrodite.

- Pimenta, R. (2012). Conheça a origem de alguns ditados e expressões populares. Extraído de: <http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/O-Programa/noticia/2012/08/conheca-origem-de-alguns-ditados-e-expressoes-populares.html>
- Pinto, A. C. (1999). *O que é que a psicologia científica tem que a psicologia popular e o senso comum não têm?* Psicologia, Educação e Cultura, 3 (1), 157-178.]  
Extraído de:  
[http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/13\\_o\\_que\\_a\\_psico\\_tem.pdf](http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/13_o_que_a_psico_tem.pdf)
- Rodrigues, D. (2004). Les religions de la Lusitanie. *Archéologia*, 408. Extraído de: [http://www.dulcerodrigues.info/educa/PDF/religions\\_lusitanie\\_fr.pdf](http://www.dulcerodrigues.info/educa/PDF/religions_lusitanie_fr.pdf)
- Scarborough, W. (1875) *A collection of chinese proverbs*. Shanghai: American Presbyterian Mission Press.
- Terapeuta, L. (2015) As origens de algumas expressões provérbios populares . [web log post]. Extraído de: <http://ahau.org/as-origens-de-algumas-expressoes-e-proverbios-populares/>
- Ulrike, S. (2010). Mesclagens metafóricas e suas funções no discurso sobre a sociedade: um estudo comparativo. (Universidade Federal de Minas Gerais). Extraído de: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n3/a05v10n3>
- Velasco, A. M. S. (2000). *Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira*. In: Gärtner, E.; Hundt, C. & Schönberger, A.(Eds.) *Estudos de linguística textual do português*. Frankfurt am Main: TEM, p. 267-313.
- Vilela, M. (2003). Os estereótipos da metáfora animal: Comer gato por lebre. Revista da Faculdade de Letras *Línguas e Literaturas*. Porto, vol II, pp. 429-446.
- Xatara, C. M. & Succi, T. M. (2008). Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, 1: 33-48.
- 吴中伟 (Wú zhōngwěi). (2010). 当代中文 Chinês Contemporâneo. Pequim: Sinolingua.
- 林书武 (Lin Shuwu). (1997) 国外隐喻研究综述【J】. 外语教学与研究, 1997, (1) : 11-18, p. 27
- 潘薇薇( Pan Weiwei). (2014) 中国古代的虚拟动物 Os animais imaginários da China antiga. Extraído de: <http://wenshizhishi.1she.com/3352/76808.html>

## Webgrafia

Scribd. Provérbios portugueses com nomes de animais.

Extraído de: <http://pt.scribd.com/doc/51525778/Proverbios-Com-Animais-e-Plantas>

Biblegateway.

Extraído de:

<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Prov%C3%A9rbios+1&version=OL>

Blog arocoutinhoviana. Quem se lixa é o mexilhão-2007.

Extraído de <http://acoutinhoviana.blogspot.pt/2009/08/quem-se-lixo-e-o-mexilhao.html>

O ocaso dos burros. (2013). Super interessante.

Extraído de:

[http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2598:o-ocaso-dos-burros&catid=6:artigos&Itemid=80](http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2598:o-ocaso-dos-burros&catid=6:artigos&Itemid=80)

Dicionário de símbolos. Significado dos símbolos e simbologias.

Extraído de: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/busca/?q=c%C3%A3o>

Zhidao, Baidu.

Extraído de:

[https://zhidao.baidu.com/question/483632607.html?si=5&qbpn=1\\_5&tx=&wtp=wk&word=%E7%8C%AB%E5%9C%A8%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E7%9A%84%E8%B1%A1%E5%BE%81%E6%84%8F%E4%B9%89&fr=solved&from=qb&ssid=&uid=bd\\_1426094351\\_137&pu=sz%40224\\_240%2Cos%40&step=7&bd\\_page\\_type=1&init=middle](https://zhidao.baidu.com/question/483632607.html?si=5&qbpn=1_5&tx=&wtp=wk&word=%E7%8C%AB%E5%9C%A8%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E7%9A%84%E8%B1%A1%E5%BE%81%E6%84%8F%E4%B9%89&fr=solved&from=qb&ssid=&uid=bd_1426094351_137&pu=sz%40224_240%2Cos%40&step=7&bd_page_type=1&init=middle)

Wikcionário. O dicionário livre.

Extraído de: [https://pt.wiktionary.org/wiki/em\\_boca\\_fechada\\_n%C3%A3o\\_entra\\_mosca](https://pt.wiktionary.org/wiki/em_boca_fechada_n%C3%A3o_entra_mosca)

Observatório da Língua Portuguesa.(2016)

Extraído de: <https://observalinguaportuguesa.org/filho-de-peixe-sabe-nadar/>